

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)**

LUCIMARA BORGES ZEQUIM

**UM ESTUDO FUNCIONALISTA A RESPEITO DAS FUNÇÕES TEXTUAL-
DISCURSIVAS E DAS RELAÇÕES RETÓRICAS ESTABELECIDAS PELAS
ESTRUTURAS DESGARRADAS**

**MARINGÁ - PR
2013**

LUCIMARA BORGES ZEQUIM

**UM ESTUDO FUNCIONALISTA A RESPEITO DAS FUNÇÕES TEXTUAL-
DISCURSIVAS E DAS RELAÇÕES RETÓRICAS ESTABELECIDAS PELAS
ESTRUTURAS DESGARRADAS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Regina Pante.

**MARINGÁ - PR
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

Z57e Zequim, Lucimara Borges
Um estudo funcionalista a respeito das funções textual-discursivas e das relações retóricas estabelecidas pelas estruturas desgarradas / Lucimara Borges Zequim. -- Maringá, 2013.
126 f. : il., figs., tabs.

Orientador: Prof.^a Dr.^a . Maria Regina Pante.

Dissertação (mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras, 2013.

1. Texto discursivo - Estruturas desgarradas. 2. Texto - Relações retóricas. 3. Funções textuais - RST. 4. Lingística - Descrição. I. Pante, Maria Regina, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Letras. Programa de Pós Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed.415

ZSS-001196

LUCIMARA BORGES ZEQUIM

**UM ESTUDO FUNCIONALISTA A RESPEITO DAS FUNÇÕES TEXTUAL-
DISCURSIVAS E DAS RELAÇÕES RETÓRICAS ESTABELECIDAS PELAS
ESTRUTURAS DESGARRADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 23 de agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Regina Pante
Universidade Estadual de Maringá - UEM
- Presidente –

Prof.^a Dr.^a Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. Aparecida Feola Sella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus Cascavel – Unioeste-PR

Dedicatória

À minha amada mãe Irene, à minha irmã Ediene, exemplo de mulher, à minha preciosa filha Ana Beatriz e a Kiki, companheira fiel. Obrigada pelo amor verdadeiro e incondicional.

AGRADECIMENTOS

Deus é tão maravilhoso que, durante esses dois anos de pesquisa, não me abandonou jamais, e foi Sua presença constante que permitiu que eu continuasse determinada no meu intuito de seguir em frente, embora muitas vezes a vontade fosse de desistir, é por esse motivo que primeiramente eu agradeço a Ele.

A existência da família nos dá a certeza de que o amor incondicional existe, mesmo que às vezes você sinta que não é merecedora dele, ele está lá presente e pleno, assim nada mais justo que agradecer à minha mãe e à minha irmã que souberam entender a minha ausência, o meu mau humor e a minha falta de paciência.

À minha filha, agradeço pela compreensão da ausência, pois embora o corpo estivesse presente, muitas vezes a introspecção era tanta que não foi possível o diálogo e a atenção.

Aos amigos de trabalho, agradeço pela cooperação, companheirismo e paciência que se refletiu em gestos carinhosos e de preocupação. Agradeço em especial à amiga Rejane, que acreditou no meu potencial e me incentivou a iniciar esse desafio.

Agradeço à minha querida orientadora pela atenção, preocupação e carinho sempre presentes em seus gestos. Agradeço pela disposição em compartilhar, ao longo dos anos de convivência, o imenso conhecimento e a experiência singular que fazem dela além de uma Doutora em assuntos linguísticos, um exemplo de mulher a ser seguido.

Agradeço muito ao Professor Juliano Desiderato Antonio, por ser extremamente acessível, demonstrando um conhecimento infundável que é compartilhado com tanta naturalidade com seus alunos

ZEQUIM. Lucimara Borges. **UM ESTUDO FUNCIONALISTA A RESPEITO DAS FUNÇÕES TEXTUAL-DISCURSIVAS E DAS RELAÇÕES RETÓRICAS ESTABELECIDAS PELAS ESTRUTURAS DESGARRADAS.** Dissertação (Mestrado em Letras. Maringá, 2013. Descrição Linguística). Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Maria Regina Pante.

RESUMO

Este trabalho investiga, em textos escritos de diferentes gêneros, a utilização de “estruturas desgarradas” (termo proposto por Decat, 1999). Objetiva-se analisar essas construções, consideradas atípicas e “fora das normas” pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), buscando verificar quais as funções textuais discursivas desempenhadas por tais estruturas e proceder à análise, pautando-se na Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory – RST*). É, também, intuito de nossa pesquisa conferir se o uso das “desgarradas” caracteriza um tipo de recurso argumentativo, configurando uma estratégia desenvolvida pelo falante a fim de conferir maior ênfase à porção textual merecedora de realce de acordo com seus propósitos. A pesquisa utiliza como fundamentos teóricos a corrente funcionalista, que prioriza o estudo da língua em uso e sua utilização como instrumento de interação social, investigando os objetivos e a motivação do falante no uso desse importante instrumento de comunicação. O trabalho expõe tanto a visão tradicional quanto a visão funcional da linguagem em relação à articulação de orações, com enfoque na hipotaxe adverbial, além da apresentação da Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory – RST*) e da proposta de Decat (2011) a respeito das estruturas desgarradas. A análise das relações estabelecidas por essas estruturas, a partir da RST, assim como o estudo das funções textual-discursivas desempenhadas por tais estruturas apontaram para resultados nos quais se observou a predominância de ocorrências que apresentaram a relação retórica de concessão e a função textual-discursiva de adendo, verificando-se o caráter altamente argumentativo de tais construções e confirmando-se que as estruturas desgarradas funcionam como eficientes mecanismos de organização textual utilizadas pelos usuários da língua no alcance de seus objetivos comunicativos. Ao término da pesquisa, verificou-se a predominância da função textual-discursiva de adendo e da relação retórica de concessão estabelecida pelas ocorrências investigadas, comprovando a utilização desse mecanismo como uma eficiente estratégia argumentativa.

Palavras-chave: estruturas desgarradas; funções textual-discursivas; relações retóricas; RST.

ZEQUIM. Lucimara Borges. **A FUNCTIONALIST STUDY ABOUT TEXTUAL-DISOURSE FUNCTIONS AND RHETORICAL RELATIONS ESTABLISHED BY “FLOATING STRUCTURES”**. Dissertation (Master in Letters. Linguistic Description). State University of Maringá. Supervisor: Maria Regina Pante. Maringá, 2013.

ABSTRACT

This dissertation investigates the usage of “floating structures” – considering the terminology proposed by Decat, 1999 – in written texts from different textual genres in the Brazilian Portuguese language. The purpose here is analyzing such structures which are considered atypical and “off the rules” by the Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) – the Brazilian Grammatical Nomenclature – in order to verify the discursive functions played by such structures in the text and, then, proceed to an analysis of those structures taking into account the *Rhetorical Structure Theory* – RST. It is also an intention of our research to check if the “floating structure” usage characterizes a kind of argumentative resource implying a strategy developed by the speaker in order to give a better emphasis to the textual portion which deserved being highlighted according to one’s purposes. The research is theoretically based on the Functionalist stream which prioritizes the study of the language in use, as well as its usage as an instrument for social interaction, investigating the speakers’ aims and motivations in the usage of such an important communicative tool. The work thereafter presented exposes both the traditional and the functional view of the language in relation to clause articulation focusing on adverbial hypotaxis, as well as presenting the *Rethorical Structure Theory* – RST – and Decat’s proposition (2011) considering the “floating structures”. The analysis of the relation established by such structures from the RST point of view, as well as the study of the textual-discourse functions performed by such structures pointed out to results in which it was observed the predominance of occurrences that presented the rhetorical relation of concession and the addendum textual-discourse function. It was verified that the constructions studied have a highly argumentative character and, thus, confirmed that the “floating structures” work as efficient mechanisms for the textual organization when used by the speakers of a given language in order to achieve their communicative objectives. In the conclusion of our research, the addendum textual-discourse function and the rhetorical relation of concession established within the occurrences investigated were verified as predominant, therefore, it proves true that the usage of such mechanism work as an efficient argumentative strategy.

Key-words: floating structures; textual-discourse functions; rhetorical relations; RST.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	12
LISTA DE QUADROS.....	12
LISTA DE TABELAS.....	12

INTRODUÇÃO.....	14
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

1. A Língua como objeto de estudo.....	17
1.1 A origem do Funcionalismo: estudo da língua em uso.....	17
1.2 As duas vertentes do estruturalismo: formalismo X funcionalismo.....	19
1.3 O círculo linguístico de Praga e o funcionalismo.....	23
1.4 A linguística funcional.....	24

CAPÍTULO 2

2. O processo de articulação de orações.....	28
2.1 Abordagem distintas para o processo de articulação de orações.....	28
2.2 A visão da GT a respeito da combinação de orações.....	29
2.3 A articulação de orações sob a perspectiva funcional.....	33

CAPÍTULO 3

3. Considerações acerca das “estruturas desgarradas.....	41
3.1 A hipotaxe adverbial ou de realce e as “estruturas desgarradas”.....	41
3.2 Unidades de Informação (UIs).....	48

3.3 O propósito no uso das “desgarradas”.....	51
3.4 Funções textual-discursivas das “estruturas desgarradas”.....	53
3.5 As relações retóricas – uma análise mais coerente para as “estruturas desgarradas”.....	60

CAPÍTULO 4

4. Procedimentos Metodológicos.....	65
4.1 Seleção e coleta do <i>corpus</i>	65
4.2 Critérios utilizados para a análise.....	66
4.2.1 Tipos de expressões linguísticas que marcam as ocorrências.....	66
4.2.2 Análise das funções textual-discursivas.....	66
4.2.3 Análise das relações retóricas a partir da utilização do programa RSTTool.....	67

CAPÍTULO 5

5. Análise do <i>corpus</i>	70
-----------------------------------	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
-----------------------------------	----

REFERÊNCIAS	94
--------------------------	----

ANEXOS

Anexo A.....	99
Anexo B.....	102
Anexo C.....	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Exemplos de afterthought retirados de Chafe.....	55
Figura 2:	Exemplos de guideposts retirados de Chafe.....	57
Figura 3:	Tipos de esquemas da RST.....	62
Figura 4:	Exemplo de diagrama arbóreo da RST.....	63
Figura 5:	Editor de Relações.....	68
Figura 6:	Importação de texto/porção textual.....	68
Figura 7:	Segmentação da porção textual.....	69
Figura 8:	Esquema das relações existentes entre as porções textuais.....	69
Figura 9:	Diagramas da RST.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Paradigma formal X paradigma funcional.....	19
Quadro 2:	Gramática formal X gramática funcional.....	20
Quadro 3:	Complexo frasal no subsistema de expansão.....	36
Quadro 4:	Trajectoria unidirecional.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências causais	74
Tabela 2:	Das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências comparativas.....	77

Tabela 3: Das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências concessivas.....	82
Tabela 4: Das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências condicionais.....	84
Tabela 5: Das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pela ocorrência final.....	85
Tabela 6: Das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências temporais...	88
Tabela 7: Dos resultados das relações retóricas.....	89
Tabela 8: Dos resultados das funções textual-discursivas.....	89

Introdução

A língua é dinâmica; apresenta-se em movimento constante, o que permite a seu usuário utilizá-la de acordo com suas necessidades. Essa afirmação vai ao encontro dos estudos funcionalistas que privilegiam o estudo da língua em uso, a partir das funções pragmáticas alcançadas pelos diversos mecanismos desenvolvidos pelos falantes a fim de alcançar seus objetivos comunicativos. Portanto, ao contrário do que propõe os estudiosos formalistas, que tomam a forma, independente de sua utilização, como objeto de estudo de suas pesquisas, os estudiosos funcionalistas priorizam o estudo das funções desempenhadas pelos mecanismos de linguagem quando em uso. Assim, uma pesquisa que tenha por embasamento o funcionalismo, não deve limitar-se ao estudo de processos que se restringem aos modelos propostos por normas linguísticas pré-estabelecidas, mas, principalmente, deve priorizar o estudo de mecanismos linguísticos envolvidos em processos reais de uso.

Por focar o estudo da língua em uso, para os funcionalistas o processo de articulação de orações é objeto constante de pesquisa, por ser uma forma de organização linguística que envolve, de acordo com esses estudiosos, aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Portanto, não há como analisar qualquer processo de articulação de orações sem considerar tais aspectos, ou considerando apenas um deles, assim como o faz a Gramática Tradicional a qual prioriza apenas o aspecto sintático em suas análises. Assim, autores funcionalistas como Chafe, 1980; Halliday, 1985; Neves, 1994, 1997, 2000; Castilho, 2010; Decat, 2011 estudam o processo de articulação de orações além da estrutura linguística utilizada e questionam o corte rígido proposto pela entre subordinação e coordenação, em especial nos casos das cláusulas compostas em que não há integração sintática.

Consoante a essa visão funcionalista da linguagem, o presente trabalho busca investigar construções denominadas por Decat (2011) “estruturas desgarradas” e que se referem a estruturas que não seguem os padrões rígidos da Gramática Tradicional. Isso porque não se apresentam conforme proposto pela

classificação de orações subordinadas, ocorrendo não anexadas sintaticamente ao que as antecede, descaracterizando-as do quadro de orações dependentes.

A respeito das hipóteses levantadas pela pesquisa, projetamos três possibilidades:

a) a primeira hipótese é a de que as “estruturas desgarradas”, mesmo não se enquadrando nos padrões propostos pela Gramática Tradicional (doravante GT), cumprem eficazmente a função linguística pretendida pelo usuário da língua ao utilizá-las;

b) a segunda hipótese é de que tais estruturas veiculam a informação que o falante deseja dar maior ênfase e destaque, configurando-se em um mecanismo argumentativo que proporciona ao falante o alcance de seus propósitos comunicativos;

c) a terceira hipótese é a possibilidade das “desgarradas” atuarem como unidades informacionais à parte, assim como propõe Chafe (1980), o que possibilita que tais ocorrências tenham um funcionamento autônomo nas interações comunicativas das quais participam, desbancando a classificação tradicional, segundo a qual essas construções não poderiam apresentar-se em situação de desgarramento por serem consideradas orações subordinadas sintaticamente dependentes de uma oração principal.

O objetivo geral do nosso trabalho é investigar a ocorrência de “estruturas desgarradas” em textos veiculados em revistas de grande circulação, livros e internet – todos meios de comunicação aos quais a maioria da população tem acesso – a partir de uma visão que contemple os requisitos necessários para uma análise pautada na funcionalidade da língua e segundo os critérios da Teoria das Relações Retóricas (RST - *Rhetorical Structure Theory*). Houve um recorte na seleção das ocorrências, no sentido de contemplar apenas as estruturas hipotáticas de realce, tradicionalmente denominadas orações subordinadas adverbiais.¹

¹ Embora as orações subordinadas adjetivas explicativas também estejam entre as hipotáticas, elas não foram incluídas em nossas análises, visto que sua estrutura difere das demais (normalmente retoma um termo antecedente).

Quanto aos objetivos específicos, são eles:

a) verificar as funções textuais discursivas desempenhadas pelas “estruturas desgarradas”;

b) analisar as relações estabelecidas por essas construções segundo os critérios da RST;

c) contribuir para os estudos funcionalistas voltados à combinação de cláusulas, ampliando o horizonte dos estudiosos da língua para além das regras formais e restritas impostas pela Gramática Tradicional, ampliando o rol de trabalhos de cunho funcionalistas e, principalmente, proporcionando o conhecimento de mecanismos discursivos adequados para a construção do sentido e da coerência na organização textual.

Para alcançar o propósito deste trabalho ele foi organizado de maneira a explanar a respeito dos principais tópicos referentes ao assunto que foram dispostos do seguinte modo: no primeiro capítulo são apresentadas informações relevantes a respeito do Funcionalismo; no segundo capítulo há relevantes considerações a respeito do processo de articulação de orações; o terceiro capítulo tem como foco as “estruturas desgarradas”; o quarto capítulo refere-se aos procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa; no quinto capítulo são apresentadas as análises das ocorrências selecionadas e, por fim, as considerações finais que abordam os pontos principais verificados ao término da pesquisa.

CAPÍTULO 1. A língua como objeto de estudo

Este capítulo apresenta informações teóricas a respeito do Funcionalismo, discutindo sua origem, a dicotomia Formalismo X Funcionalismo, o Círculo Linguístico de Praga e a sua importância para o Funcionalismo e, finalmente, a Linguística Funcional. Desse modo, expomos uma visão de como tem sido a abordagem dos estudos voltados para a linguagem, assim como do trajeto percorrido por tais estudos na busca de respostas que melhor expliquem o funcionamento da língua.

1.1 A origem do Funcionalismo: estudo da língua em uso

É relevante mencionar que a perspectiva funcionalista da linguagem se originou de uma vertente do estruturalismo proposto por Ferdinand de Saussure. É inegável a relevância dos estudos saussurianos para o séc. XX, visto que muitos dos progressos verificados no campo das ciências humanas não poderiam ter ocorrido se não fosse a elaboração do conceito de estrutura desenvolvido a partir de estudos voltados para o fenômeno da linguagem.

A Linguística Moderna surgiu em 1916 com a publicação da obra *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand Saussure, visto que esse autor rompeu com a linguística comparatista da época, propondo uma abordagem não histórica, mas descritiva e sistemática da língua. Assim, a partir de suas pesquisas, Saussure (1972) construiu uma metodologia de estudo que mais tarde transformar-se-ia no estruturalismo. Para ele, a língua devia ser considerada uma estrutura ou sistema autônomo, cujos elementos constituintes deviam ser analisados e estudados em si mesmos distante de qualquer preocupação extralingüística. Nessa perspectiva, compreende-se sistema como um conjunto de determinadas unidades, as quais apresentam semelhanças formando um todo coerente e coeso. Desse modo, descrever um sistema é revelar a organização dessas unidades e os princípios que orientam essa organização. Portanto, de acordo com Costa (2008), Saussure foi o responsável por estudos a respeito da organização estrutural da linguagem, os quais concebem a língua como uma estrutura formada por elementos coesos, inter-relacionados e estruturados a partir

de leis internas estabelecidas pelo próprio sistema linguístico, o que o torna um dos maiores representantes do estruturalismo.

De acordo com Martelotta e Areas (2003), existem alguns dogmas que embasam os estudos da linguística estrutural. São relevantes para o presente trabalho aqueles que foram rebatidos pelo Funcionalismo, destacando-se: a arbitrariedade do signo linguístico, a idealização relacionada à distinção entre *langue* e *parole* e a rígida divisão entre diacronia e sincronia. Em momento oportuno, teceremos comentários a respeito deles, a fim de contrapô-los à perspectiva funcional.

Além disso, a partir da proposta de Saussure (1972), três noções passaram a permear e a caracterizar a evolução da Linguística Moderna: *sistema*, *estrutura* e *função*. É justamente a noção de sistema o grande legado de Saussure, pois a língua passou a ser investigada sob uma perspectiva que prioriza o todo sobre os elementos que a compõem, como um conjunto cujos elementos se agrupam em um todo organizado. Ao considerar a língua um sistema organizado, fez-se, então, fundamental para o linguista analisar a estruturação desse sistema. O estudo da estrutura interna da língua tornou-se, portanto, a tendência e o foco dos trabalhos dos linguistas, desenvolvendo-se a linguística estruturalista, a qual restringiu seus estudos às redes de dependência formadas internamente pelos elementos constituintes da língua.

Nesse sentido, de acordo com Martelotta e Areas (2003), o estruturalismo, abordagem de cunho formalista, foi uma corrente teórica dominante na primeira metade do século XX e destacou-se pelo fato de conceber e investigar a língua como um sistema. De acordo com as próprias palavras de Saussure, "a língua não é um conglomerado de elementos heterogêneos; é um sistema articulado, onde tudo está ligado, onde tudo é solidário e onde cada elemento tira seu valor de sua posição estrutural" (SAUSSURE, 1972, p. 109). Assim, os estudos estruturalistas foram fundamentais para o surgimento da visão funcionalista da linguagem, foco principal do presente trabalho, pois obtiveram grandes resultados na descrição fonológica e morfológica, apesar de terem deixado de oferecer à Linguística descrições sincrônicas satisfatórias no nível sintático e, principalmente, no nível discursivo.

Conforme Dirven e Fried (1987), houve diferentes abordagens da linguística estrutural, todas herdeiras da concepção saussuriana da linguagem, ou seja, do estruturalismo, o que permitiu que a ênfase e a significância dada ao termo função fossem diferentes de acordo com cada modelo teórico defendido na época. Nesse sentido, provenientes do estruturalismo saussuriano, surgem dois pólos de estudos linguísticos o formalismo e o estruturalismo, o primeiro prioriza em seus estudos a forma linguística, deixando a função para segundo plano, enquanto o segundo tem como foco o estudo da função desempenhada pela forma linguística no ato comunicativo.

1.2 As duas vertentes do estruturalismo: formalismo X funcionalismo

Para iniciar uma ilustração a respeito das diferentes visões concebidas no formalismo e no Funcionalismo para um mesmo objeto de observação – a língua –, apresentamos o Quadro 1, proposto por Dik (1978) e adaptado por Neves (1994: 2001, p. 46-47):

	Paradigma Formal	Paradigma funcional
Como definir a língua	Conjunto de orações	Instrumento de interação social
Principal função da linguagem	Expressão do pensamento	Comunicação
Correlato Psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua
O sistema e o uso	O estudo da competência tem prioridade sobre a atuação	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro de uso
Língua e contexto/sistema	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto
Aquisição da linguagem	Faz-se com o uso de	Faz-se com a ajuda de um

	propriedades inatas, com base em input restrito e não estruturado de dados	input extenso e estruturado de dados apresentados no contexto natural
Universais lingüísticos	Propriedades inatas do organismo humano	Explicados em funções de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a pragmática devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe; via semântica

Quadro 1: Paradigma formal X paradigma funcional

(Quadro proposto por Dik (1978, p. 5), traduzido por Neves (1994: 2001, p. 46-47)

A respeito do Quadro1, Neves (2001) afirma que,

no paradigma formal, uma linguagem natural é vista como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, enquanto, no paradigma funcional, considera-se que as expressões lingüísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis a, e co-determinadas por, determinantes pragmáticos da interação verbal humana (DIK, 1987, *apud* NEVES, 2001, p. 46).

O Quadro 2, proposto por Halliday (1985) e adaptado por Neves (1994: 2001, p. 48), também tem por função apresentar duas diferentes propostas para o estudo da língua:

Gramática formal	Gramática funcional
Orientação primariamente sintagmática	Orientação primariamente paradigmática
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações
Ênfase nos traços universais da língua	Ênfase nas variações entre línguas

(sintaxe como base: organização em torno da frase)	diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso)
--	---

Quadro 2: Gramática formal X gramática funcional (HALLIDAY, 1985, *Introduction*.

Adaptado por Neves, 1994, 2001 p. 48)

A partir dos quadros propostos por essas duas grandes referências da teoria funcionalista, Dik e Halliday, observam-se as diferenças existentes entre as duas maneiras de analisar a língua: a formal concebe a língua como elemento autônomo e inato, passível de explicação apenas pelas estruturas regularizadas e formadas em seu próprio sistema. A investigação funcionalista, por sua vez, concebe a língua como instrumento de interação, capaz de desenvolver-se e de modificar-se a partir de seu uso pelo falante. A proposta de Halliday (1985) considera, para o estudo da língua, além da situação comunicativa e o contexto cultural, também os traços linguísticos em relação ao contexto de produção, pois embora o texto seja uma unidade semântica, os sentidos nele construídos ocorrem por meio do uso de expressões linguísticas que são selecionadas pelo falante a partir da língua, concebida como uma rede interligada de opções à disposição do falante. Assim, as formas linguísticas, diferente da visão formal, são entendidas como um meio de alcança para chegar a um determinado fim.

De acordo com Martelotta e Areas (2003), o formalismo, ao priorizar a estrutura, apresenta como característica principal a análise da língua como objeto autônomo, desconsiderando, portanto, a língua em situações comunicativas. Os autores citam como representantes do formalismo os linguistas da Escola de Copenhague, além de estudiosos como Hjelmslev, Uldall e Brondal, os quais tornaram o estudo linguístico mais formal e abstrato, na Dinamarca. De acordo com essa visão, a língua possui um caráter abstrato e estático, pois é desvinculada do ato comunicativo. O descritivismo americano, representado por autores como Bloomfield, Trager, Bloch, entre outros, foi um dos maiores representantes do formalismo, mas a aplicação dessa teoria efetivou-se realmente com os modelos gerativistas até os dias atuais.

Conforme Pezzati (2004), o descontentamento de alguns linguistas, em relação ao enfoque extremamente formal que os estudos da linguagem atribuíram

à língua, ocasionou o surgimento de várias tendências linguísticas na década de 70, entre elas o Funcionalismo. A autora, entretanto, destaca que, na verdade, ocorreu uma reatualização de princípios funcionalistas defendidos por linguistas anteriores a Saussure. A autora cita estudiosos como Whitney, Von der Gabelentz e Herman Paul, os quais, no final do século XIX, já defendiam a explicação da estrutura linguística em termos de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais.

Em consonância com o que afirma a autora, Martelotta e Areas (2003) citam o destaque do grupo do Círculo Linguístico de Praga, que, por volta de 1928, passou a focar os estudos linguísticos na funcionalidade da língua. De acordo com Fontaine (*apud* MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 17), não foram só as influências saussurianas que levaram os linguistas praguenses a dedicarem seus estudos à lógica interna de relações do sistema linguístico; eles foram influenciados, também, pelo filósofo Husserl e por Karl Bühler, psicólogo alemão estudioso da teoria da Gestalt². Graças ao frequente contato com Bühler, a linguística de Praga enveredou-se por caminhos diferentes das demais escolas estruturalistas da época. Para esses linguistas, a linguagem não poderia ser estudada desconsiderando a sua função, como propunham os formalistas. Nesse sentido, a influência de Bühler proporcionou aos linguistas de Praga uma visão que ultrapassa as propostas de Saussure adotadas pelos formalistas, pois, ao restringir os estudos linguísticos ao sistema gramatical, privilegiando a língua e suas unidades em detrimento da fala, a visão estruturalista e formalista da linguagem desconsiderou aspectos relacionados à função e à língua em uso, componentes sociais fundamentais para a produção linguística. Desse modo, aspectos pragmático-discursivos e suas influências na estrutura gramatical das línguas deixaram de ser analisados, e o âmbito de estudos linguísticos ficou restrito a uma estrutura estática.

² A Gestalt surge na psicologia como uma negação da fragmentação das ações e dos processos humanos peculiar à Psicologia Científica do século XIX. Segundo Pozo (1994, p. 09), após um período de predomínio da psicologia behaviorista na primeira metade do século XX, consolida-se a “psicologia cognitiva”. Essa mudança de orientação na psicologia científica abrange a maior parte dos campos de pesquisa (memória, atenção, inteligência), alcançando o estudo da interação social e da emoção.

1.3 O Círculo Linguístico de Praga e o Funcionalismo

Segundo Ilari (2004), o grupo de linguistas de Praga soube utilizar os ensinamentos de Saussure aprimorando-os, pois eles consideraram a concepção de comunicação, que postula o total controle dos signos linguísticos por parte dos interlocutores, reconhecendo todos os traços pertinentes capazes de identificá-los. Assim, para esses estudiosos, não havia como estudar a língua desconsiderando a fala, pois ambas estão relacionadas e são dependentes no ato da comunicação. A Escola de Praga inovou ao observar e mostrar que, para além do conceito saussuriano, a comunicação afeta dinamicamente nossos conhecimentos e nossa consciência a respeito das situações. Nesse sentido, esses pesquisadores ressaltavam a essencialidade da função da linguagem como elemento comunicativo. O que permeou os estudos dos funcionalistas de Praga foi a adoção de uma noção teleológica de função. Na acepção desses estudiosos, a língua é entendida como um sistema funcional, pois sempre é utilizada para determinado fim. Assim, “a intenção do locutor apresenta-se como a explicação ‘mais natural’ para uma análise linguística: essa intenção é que fundamenta o discurso” (FONTAINE, 1978, p.22).

No entanto, existe um problema em relação à noção de função no sentido da utilização desse termo por diferentes autores, em análises que podem divergir quanto às características. De acordo com Neves (2004), os termos **função** e **funcional** foram amplamente utilizados pelos linguistas de Praga, mas eles não apresentaram uma definição única, o que impossibilita uma interpretação definitiva para os elementos supracitados. O fato de eles serem, muitas vezes, utilizados para análises em diferentes domínios e em fenômenos linguísticos diversos, acaba gerando uma variedade de usos, implicando a dificuldade para a unicidade de interpretação em relação a esses termos. A autora, todavia, ressalta que a inexistência de uma definição única não interfere na compreensão do Funcionalismo.

Conforme Martinet (1994), o termo função é definido como a eficiência comunicativa estabelecida pelas unidades estruturais da língua. Na concepção de Halliday (1973), o termo função não pode restringir-se ao modo como os sintagmas ou as classes de palavras se comportam nas estruturas de unidades

maiores; para ele, função refere-se ao papel desempenhado pela linguagem na vida dos indivíduos, servindo para atender às exigências e às necessidades mais diversas e variadas. Assim, ele considera que a linguagem é funcional no sentido de que a utilizamos para descrever fatos ou experiências vividas; além disso, por intermédio da linguagem, a interação entre as pessoas ocorre de várias maneiras.

É inegável, portanto, a imensa contribuição dos linguistas de Praga para o Funcionalismo. Nesse sentido, de acordo com Pezatti (2004), um dos expoentes e um pioneiro dessa corrente da Linguística é Roman Jakobson, pois ele ampliou a noção de função da linguagem para além da referencial, a única considerada pela teoria estruturalista, e propôs outras funções, que consideram os participantes da interação. São elas: a função emotiva, a conativa e a fática. Jakobson também destacou a importância de outros fatores da comunicação, como a mensagem (função poética) e o próprio código (função metalinguística). Dessa forma, os funcionalistas apresentam como principal característica conceber a língua como um instrumento de comunicação, e, como tal, torna-se inviável analisá-la como um objeto autônomo. Desse modo, em contrapartida às tendências formalistas, o Funcionalismo não se limita ao estudo das estruturas linguísticas, mas amplia seu foco de análise para as funções que tais estruturas desempenham em situações interativas.

1.4 A linguística funcional

De acordo com Pezatti (2004),

A linguística funcional [...] encontra bases explanatórias na função que exercem as unidades estruturais e em processos diacrônicos recorrentes que têm, em sua maioria, motivação funcional. A linguagem é vista como uma ferramenta cuja forma se adapta às funções que exerce, e, desse modo, ela pode ser explicada somente com base nessas funções que são, em última análise, comunicativas. (PEZATTI, 2004, p. 168)

Para a autora, como é essencial que as explicações linguísticas sejam buscadas no uso da língua em um contexto social, torna-se obrigatória a análise do fenômeno linguístico com base nas relações contraídas entre falante, ouvinte, e informação pragmática de ambos, sempre considerando o contexto

sociointeracional em que se estabelece a comunicação. Dik (1989) afirma que o compromisso principal do enfoque funcionalista é descrever a linguagem não como um fim em si mesmo, mas como um requisito pragmático da interação verbal. Portanto temos como princípio fundamental do Funcionalismo a subordinação do estudo do sistema linguístico ao seu efetivo uso.

A partir de afirmações a respeito da necessidade de se estudar a língua priorizando análises de seu funcionamento em contextos sociais de interação o enfoque funcionalista sobre os estudos linguísticos estendeu-se por várias partes do mundo. Martelotta e Areas (2003) ressaltam a influência funcionalista sobre a Escola de Genebra, a qual teve, dentre seus maiores expoentes, Charles Bally, estudioso interessado em analisar a relação existente entre o pensamento e a expressão linguística, focando sua atenção nos desvios que o uso individual, representado pela fala, impõe ao sistema, à língua.

Consoante, ainda, com o que afirmam os autores supracitados, a herança funcionalista influenciou, também, as escolas de Londres, onde, por meio de Halliday, iniciou-se uma tendência a estudar a língua sob uma visão funcionalista, como se observa na citação a seguir:

Nós usamos a língua para interagir com o outro para construir e manter nossas relações interpessoais e a ordem social existente entre elas, assim nós interpretamos e representamos o mundo para o outro e para nós mesmos. A linguagem é uma parte natural do processo de viver; ela também é usada para armazenar a experiência construída ao longo deste processo, pessoal e coletivo. Ela é (entre outras coisas) uma ferramenta para representar o conhecimento ou, (...) para construir significados. (MATTHIESSEM; HALLIDAY, 1997, s/p. tradução nossa)

De acordo com esses estudiosos, portanto, a língua deve ser considerada um instrumento que proporciona ao ser humano a possibilidade de representação e de construção de seu próprio mundo, além de ser, primordial para a interação. Butler (2005), ao considerar os fatores essenciais para um estudo funcional da língua, afirma que o modelo de gramática ideal para atender as teorias funcionalistas não pode limitar-se ao nível da frase, mas deve investigar a função e a estrutura de textos nos seus contextos de produção e de recepção. Nesse sentido, a Gramática sistêmico-Funcional (SFG) de Halliday (1985) apresenta como propósito o estudo do texto, investigando se o texto é comunicativamente

eficiente de que forma e por que o texto diz o que diz. De acordo com Halliday (1985), os sentidos de um texto são construídos a partir do uso de elementos linguísticos, sendo, portanto, essencial a análise gramatical desses elementos quando é realizada a análise de um texto.

Também a corrente funcionalista de base holandesa corroborou para o pensamento interacionista que permeia a visão funcionalista, pelo fato de considerar principalmente os processos relacionados ao êxito da comunicação entre falantes estabelecida por intermédio das expressões linguísticas. Nesse sentido, Dik (1989) propõe uma Gramática Funcional, a qual deve conformar-se a três princípios de adequação explanatória e de natureza descritiva: adequação pragmática, adequação psicológica e adequação tipológica. A Gramática Funcional proposta pelo autor tem por objeto de análise a interação verbal, portanto o padrão de adequação pragmática tem maior peso nessa teoria, visto que uma gramática funcional deve ser concebida como uma teoria integrada a um modelo de usuário de língua natural.

Conforme Martelotta & Areas (2003), outra vertente do Funcionalismo americano pode ser identificada a partir das pesquisas realizadas por Closs Traugott, cujos estudos focam os aspectos semântico-pragmáticos da mudança linguística, sendo os fenômenos ocorridos em tais mudanças o interesse maior de suas pesquisas, o que a levou a adotar a teoria da gramaticalização como base para seus estudos. Ademais, em meados da década de 70, o Funcionalismo começa a destacar-se como corrente linguística, e linguistas americanos, tais como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, passam a observar a língua sob o ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Desse modo, para uma melhor compreensão do fenômeno sintático, faz-se necessário o estudo da língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois a gramática constitui-se somente no espaço da interação.

As premissas de Givón (1995), abaixo relacionadas, ajudam a compreender mais claramente a concepção funcionalista de linguagem:

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- a estrutura é não arbitrária, motivada e icônica;

- mudança e variação estão sempre presentes;
- o sentido é contextualmente dependente e não anatômico;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é maleável e não rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras da gramática permitem algumas exceções.

O funcionalismo, portanto, difere do formalismo, pois foca seus estudos na motivação das ocorrências linguísticas no interior do contexto social no qual ocorrem. Ao estudar e ao considerar a linguagem além de sua estrutura formal, o Funcionalismo prioriza, em suas investigações, uma postura analítica da língua como instrumento de interação. A visão funcional da linguagem, em suas análises, explica as regularidades observadas na utilização interativa da língua, analisando as condições discursivas nas quais se efetiva o uso. Assim, a estrutura é motivada pela situação comunicativa, e o uso efetivo da língua pelo falante é o que dá forma ao sistema e interfere na estrutura, sendo esta última uma variável dependente da efetivação do uso. (GIVON, 1995)

Portanto, somente considerando a língua como instrumento de uso e não limitando suas estruturas a um conjunto de regras, poderemos entender os diversos mecanismos envolvidos no processo de articulação de orações. Desse modo, torna-se possível o estudo de estruturas criadas a partir das necessidades ocorridas no momento em que o falante se apropria da língua como instrumento de interação, utilizando-a para a comunicação em um sem fim de contextos.

Dessa forma, ao assumir que o falante utiliza a funcionalidade da língua no momento em que constrói seus enunciados, torna-se compreensível e viável a utilização de estruturas como as que são objeto de análise no presente trabalho, pois, mesmo não sendo contempladas pela Gramática Tradicional, elas desempenham satisfatoriamente a função a que são destinadas no contexto de interação.

CAPÍTULO 2. O processo de articulação de orações

O processo de articulação de orações é assunto controverso entre as diferentes correntes de estudos linguísticos. Visando fornecer informações relevantes sobre o tema, apresentaremos, neste capítulo, a visão tradicionalista e a visão funcionalista a respeito da combinação de orações. Para tanto, iniciamos com uma breve explanação das diferentes abordagens para o referido processo, apresentando, na sequência, a visão da Gramática Tradicional (doravante GT) para a articulação de orações e encerrando com uma abordagem da perspectiva funcional referente ao mesmo tema.

2.1 Abordagens distintas para o processo de articulação de orações

A GT classifica os elementos linguísticos em quadros fechados, os quais não contemplam todos os possíveis elementos que se prestam a articular as orações no interior de um enunciado ou entre porções maiores de texto. Atendendo somente ao nível sentencial e a critérios sintáticos, os estudos tradicionalistas desconsideram elementos importantes que estão envolvidos na produção linguística, pois, além da forma, a produção de um enunciado pressupõe a participação de fatores discursivos e semânticos. Desse modo, a noção de dependência empregada na subordinação pela sintaxe tradicional engloba as orações subordinadas adverbiais, subordinadas substantivas e subordinadas adjetivas, não determinando qual o nível de dependência existente entre esses diferentes tipos de orações e a oração matriz à qual elas se ligam.

Esse fato levanta diversos questionamentos, pois é senso comum entre os funcionalistas que o nível de dependência existente entre esses três tipos de cláusulas difere quanto à relação lógico-tática estabelecida, pois, nos estudos funcionalistas, os processos que envolvem a articulação de cláusulas são analisados considerando os três níveis envolvidos na produção do enunciado: o sintático, o semântico e o discursivo-pragmático. Fato diferente do que ocorre na abordagem tradicionalista, que se atém à classificação das construções, materializadas de maneiras diversas, de acordo, apenas, com a função sintática que elas exercem ou não em outras orações.

De acordo com Neves (2010), a visão tradicional fixa-se em uma sintaxe de superfície, pois apresenta um conceito de coordenação pautado na independência sintática, ou seja, uma oração é considerada coordenada, de acordo com os critérios da Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante NGB), se ela não desempenhar função sintática em outra. Em oposição, o conceito de subordinação está atrelado à ideia de que uma oração é considerada subordinada ao exercer função sintática na oração principal. Desse modo, a subordinação, envolvendo as sentenças complexas, restringe-se à estrutura e à função sintática. Entretanto, como assegura a própria autora,

estudos sobre os processos de constituição do enunciado mostram à exaustão que o rótulo **subordinação**, colocado pela tradição (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nesse amplo bloco de construções complexas não pode ser simplesmente e indiscriminadamente definido como designador de construções em que uma oração 'exerce função sintática em outra'. (NEVES, 2010, p. 227)

Nesse sentido, a autora afirma que a articulação de orações ou de frases apresenta certas distorções se tomarmos por base apenas as estruturas apresentadas pelos enunciados, assim como o faz a GT, e desconsiderarmos o conjunto de propósitos envolvidos no momento da interação, os quais são relevantes para o estudo da língua em função.

Considerando todos os fatores supracitados envolvidos em uma análise funcional, apresentaremos, nos próximos tópicos, uma explanação acerca da articulação de orações, primeiramente, sob a perspectiva da GT e, posteriormente, sob a visão funcionalista.

2.2 A visão da GT a respeito da combinação de orações

A classificação proposta pela GT, como já mencionado, não abrange e nem considera todos os processos linguísticos envolvidos na produção de enunciados. Desse modo, ela trabalha com a proposta de divisão dos períodos compostos em: orações que são sintaticamente independentes – as denominadas coordenadas – e orações que mantêm uma dependência sintática – as denominadas subordinadas.

Considerando as gramáticas tradicionais disponíveis no universo das Letras, optamos por apresentar as abordagens gramaticais propostas por Luft (1981), Cunha e Cintra (2005) e Bechara (2009), por considerarmos que esses autores apresentam, em suas gramáticas, classificações que vão além do que a maioria dos autores tradicionalistas propõem.

Para Luft (1981), a subordinação e a coordenação são dois processos utilizados na estruturação sintática. O autor utiliza o grego para denominar tais processos de *hipotaxe* e *parataxe*, respectivamente, afirmando que, no processo de subordinação, os elementos são dependentes, em termos sintáticos, estando um anexo ao outro; na coordenação os elementos se dispõem lado a lado, inexistindo a dependência sintática. De acordo com o autor, os períodos mistos, aqueles que são compostos por subordinação e coordenação simultaneamente, caracterizam-se por apresentarem lado a lado orações independentes, principais e subordinadas. Dentre os gramáticos analisados, Luft (1981) diferencia-se por citar autores que consideram a existência de mais dois processos de articulação: a *correlação* e a *justaposição*, além da coordenação e da subordinação, somando-se, assim, quatro processos ao todo. Não nos aprofundaremos no estudo proposto para a correlação e a justaposição por não fazer parte do nosso objeto de pesquisa.

Cunha e Cintra (2001) iniciam sua exposição acerca dos períodos compostos destacando que os termos essenciais, integrantes e acessórios de uma oração podem ser representados por uma oração. Para ilustrar o período composto por coordenação, eles citam o seguinte exemplo (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 593): 1: As horas passam,/ os homens caem,/ a poesia fica. (E. Moura, *IP*, 169)

Os autores consideram que as três orações que compõem o período acima possuem a mesma natureza pelo fato de elas serem autônomas e independentes, ou seja, terem cada uma um sentido próprio; não funcionarem como termo de outras orações e nem se referirem a outra oração, sendo todas elas completas em sua totalidade. Ao se referirem ao período composto por subordinação, (2001, p. 594) apresentam o seguinte exemplo: O meu André não lhe disse/ que temos aí um holandês/ que trouxe material novo...?

De acordo com os autores, apesar de ser, também, um período composto por três orações, a estrutura desse período difere da presente no período anterior, visto que a primeira oração, que apresenta a declaração principal, não desempenha nenhuma função sintática nas demais, denominando-se oração principal; entretanto as outras orações desempenham funções nas demais: a segunda oração funciona como termo integrante da primeira, pois desempenha função de objeto direto do verbo presente na oração principal; a terceira oração tem sua existência dependente da segunda, de cujo objeto direto é adjunto adnominal, funcionando, portanto, como termo acessório da segunda oração.

É interessante ressaltar que Cunha e Cintra (2005), embora sejam, entre os gramáticos analisados, os únicos a fazerem menção ao critério semântico em suas postulações sobre o período composto. Esses autores criticam a postura de alguns gramáticos que consideram a possibilidade de orações, como a segunda existente no exemplo 2, atuarem como subordinada e principal, subordinada em relação à primeira oração e principal em relação à terceira. Segundo suas próprias observações “Tal classificação tem o inconveniente de se basear em dois critérios; ou melhor, fazer predominar o critério semântico sobre o sintático.” (CUNHA; CINTRA, 2005, p. 595).

A crítica dos autores supracitados deixa clara a adoção predominante do critério sintático como ponto principal da classificação por eles proposta. Essa adoção da sintaxe como ponto principal da classificação proposta por Cunha e Cintra (2005) se evidencia, também, na conclusão apresentada pelos autores acerca do período composto, na qual eles caracterizam a oração principal como aquela que não exerce função sintática em outra oração do período; a oração subordinada como aquela que desempenha função sintática em outra, seja essa função de: sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial ou aposto; e a coordenada como a oração que se relaciona com outra oração, mas não é parte sintática integrante dessa outra, mantendo-se em sua totalidade.

Bechara (2009), assim como Luft (1981), agrega à subordinação e à coordenação a justaposição, a qual, com já explicitamos, não será contemplada neste trabalho por questões de enfoque. Quanto ao critério adotado para a classificação, o autor considera o critério sintático, apenas resvalando no critério

semântico quando se refere às orações coordenadas sindéticas, que apresentam conectores de natureza adverbial, como é o caso das conclusivas e causais-explicativas, que, para o autor, apresentam valores de dependência interna, semelhante às subordinadas, mas no nível do sentido do texto. O autor observa que Maximino Maciel (1865-1923, apud Bechara, 2009), na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, considerou que a facilidade de mobilidade dos conectores conclusivos e causais no interior das orações coordenadas sindéticas caracteriza-os como advérbios, e não como conjunções.

Ao analisar as orações, Bechara (2009) considera independente uma oração, do ponto de vista sintático, quando sua unidade material constitui um texto, por exemplo, em: *A noite chegou*, (BECHARA³, 2009, p. 462). Essa mesma oração, todavia, pode mover-se para uma camada inferior do fenômeno de estruturação das camadas gramaticais, denominada de hipotaxe ou subordinação, passando a funcionar como membro sintático de outra unidade, como em: O caçador percebeu que *a noite chegou*. (BECHARA, 2009, p. 462). Nessa condição, a oração que anteriormente atuava como sintaticamente independente passa a agir como complemento e a exercer a função de objeto direto da oração cujo núcleo é o verbo *percebeu*. Portanto, ela passa de oração independente a oração subordinada e, portanto, sintaticamente dependente, formando junto à primeira oração um período composto por subordinação.

Bechara (2009) designa como período composto por coordenação aquele formado por orações sintaticamente independentes, as quais, para o autor, caracterizam-se por apresentar todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, como a apresentada no exemplo 1.

É válido ressaltar, como já mencionado, que os critérios utilizados pelos gramáticos tradicionais aqui apresentados pautam-se predominantemente na sintaxe. Esse fator se torna preocupante quando adentramos no campo da subordinação, em que são alocadas, em um mesmo quadro de classificação de dependência, orações que apresentam integração sintática, agindo como complemento da oração à qual se integram, como é o caso das substantivas e adjetivas restritivas, e aquelas que atuam como adjunto das orações com a qual

³ A numeração utilizada nos exemplos extraídos de Bechara (2009) não corresponde ao que se apresenta originalmente na obra.

se relacionam, como é o caso das adverbiais, as quais não desempenham função de complemento da oração à qual se integram. Justamente por agirem como adjuntos, tais orações são encontradas com mais frequência em situação de “desgarramento”, embora o mesmo possa ocorrer com as orações que se integram sintaticamente em outras, mas com uma frequência bem menor. É o que discutiremos nos próximos tópicos.

2.3 A articulação de orações sob a perspectiva funcionalista

Ao considerarmos a língua em uso, uma gramática que limita as construções em quadros classificatórios, que seguem, predominantemente, o critério sintático, não atende satisfatoriamente à funcionalidade da língua. Portanto, devido às limitações da proposta de subordinação apresentada pela GT, vários estudiosos funcionalistas têm se dedicado a investigar e a criar modelos que abranjam, de modo mais integral, a articulação entre orações.

Nesse sentido, Neves (2010) destaca o trabalho desenvolvido por Dik (1989), o qual propõe um modelo baseado em três níveis que envolvem a predicação nuclear (*nuclear predication*), envolvendo o predicado e seus argumentos, que pode ser expandida por meio de operadores (meios gramaticais) e por meio de satélites (meios lexicais) de nível 1, formando a predicação central (*core predication*), que corresponde à predicação nuclear estendida pelos operadores de predicado e satélites de nível 1; essa predicação central pode ser novamente expandida por meio de operadores e satélites de nível 2, resultando na predicação estendida (*extended predication*), a qual recebe operadores e satélites de nível 3, formando a *proposição*. De acordo com Neves (1994),

A proposição consiste de uma variável de conteúdo proposicional que simboliza um fato possível, especificado pela predicação estendida, pelos operadores e pelos satélites de nível 3. Esses elementos de nível 3 servem para especificar a avaliação que o falante faz do fato possível, definido pela proposição e por seu compromisso com esse fato mesmo. (NEVES, 1994, p. 124),

A *proposição* designa um fato possível, sendo passível de modificação pelo ato de fala; esse conteúdo proposicional pode ser verdadeiro ou falso, pode ser

mencionado, negado, defendido, lembrado etc. Conforme Dik (1989, 1997), a proposição, por intermédio da aplicação de operadores ilocucionários – declarativo, interrogativo ou imperativo –, constitui uma frase ou cláusula, que corresponde à unidade da quarta camada, o ato de fala. Portanto, em cada nível, a estrutura nuclear fica sujeita à incidência dos satélites correspondentes.

De acordo com Neves (2010), considerando a proposta do autor, as orações substantivas e adverbiais não podem ser classificadas em um mesmo quadro de subordinação por constituírem elementos de natureza completamente diferentes. As primeiras – orações subordinadas substantivas constituintes de enunciados complexos – seriam argumentos exigidos pela semântica do predicado para formar uma predicação nuclear completa, sendo determinadas pela natureza do predicado; com exceção das correlativas, as orações subordinadas adverbiais, foco de nosso trabalho, por serem satélites, são opcionais, incidindo sobre a predicação já configurada em qualquer um dos seus níveis: predicação nuclear, expandida, central, ou ainda, em níveis superiores da proposição ou atos de fala. Desse modo, as orações que agem como adjunto não condicionam a satisfação da predicação nuclear da oração principal; elas apenas fornecem informação suplementar.

Halliday (1985), em sua obra *An introduction to functional grammar*, esclarece que uma gramática funcional precisa ser essencialmente ‘natural’, devendo ter como referência a língua em uso, pois seu objetivo é explicar os mecanismos que asseguram o uso da língua, os quais são responsáveis por dar forma ao sistema. O autor, na busca pela elucidação dos questionamentos que envolvem a articulação de cláusulas, desenvolveu uma proposta pautada em dois eixos que definem a organização dos enunciados. Um deles é representado por um sistema tático, cuja base é a interdependência entre os elementos, considerando a *parataxe* (relação entre elementos de igual estatuto, na qual um não depende do outro) e a *hipotaxe* (relação entre elementos de diferente estatuto, na qual um age como modificador do outro, tornando-se dependente do elemento modificado). Nesse sistema tático, são desconsideradas as relações de ‘encaixamento’ (*embedding*), visto que as orações subordinadas substantivas, assim como as subordinadas adjetivas, restritivas funcionam como constituintes da estrutura da frase. Conforme Halliday (1985), o encaixamento é um

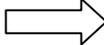
mecanismo no qual uma oração funciona como elemento da estrutura da outra oração.

O outro eixo proposto por Halliday (1985) é representado por um sistema lógico-semântico desvinculado da estruturação e da organização do enunciado e baseado nas relações cumpridoras de diferente papel semântico-funcional, ocorrendo por ‘expansão’ ou por ‘projeção’.

No caso da expansão, a oração secundária expande a oração primária por meio de três operações distintas: por *elaboração*, em que o modelo de conjunção é *isto é* e o sinal indicativo é (=) – relação de equivalência, na qual uma oração elabora o significado da outra, especificando-a; por *extensão*, que possui como sinal de identificação o (+) – relação de adição e que apresenta como conjunção típica o *e*, na qual uma das orações amplia o significado da outra; e por *realce/intensificação*, que apresenta como sinal de identificação o (x) – relação de desenvolvimento – na qual uma oração serve para realçar o significado da outra quanto a tempo, lugar, modo, causa ou condição.

Diferentemente, na ‘projeção’, ocorre a projeção de uma oração sobre a outra, em que a função desempenhada é a de representação da própria representação linguística, que é simbolizada por aspas duplas (“), ou como uma ideia, simbolizada por aspas simples (‘).

O quadro a seguir, adaptado por Neves (2010), sintetiza a proposta de Halliday (1985), apresentando o eixo “tático” e o “semântico-funcional”, além da zona referente à “expansão”, no interior da qual se localiza a expansão de realce (construções adverbiais):

		EIXO TÁTICO 	INTERDEPENDÊNCIA
		Parataxe (ou: continuação) -Ambas as orações são elementos livres (cada uma é um todo funcional). - A segunda oração faz a expansão (ordem fixa)	Hipotaxe (ou; dominação) -Uma oração domina modifica a outra (há dependência) - A oração dominante é livre a dependente, não.
EIXO SEMÂNTICO FUNCIONAL	Expansão elaboração =	- coordenadas assindéticas* -justapostas	- relativas explicativas
	extensão +	- coordenadas sindéticas ** (aditivas, alternativas, etc.)	- hipotáticas de adição
	realce x	- falsas coordenadas*** (com matriz circunstancial: conclusivas, etc)	- adverbiais
Projeção -----			

Quadro 3. O complexo frasal no subsistema de expansão: *eneárias e com mobilidade; **binárias e com pouca/sem mobilidade; ***coordenação indicando circunstância (semelhante às adverbiais). Adaptado de Neves (2006, p.232)

De acordo com Neves (2010), a controvérsia na noção de dependência sintática apresentada pela GT já havia sido apontada por Halliday e Hasan (1976) em sua definição de oração hipotática como dependente de outra, mas não estruturalmente integrada nessa outra, não se configurando como constituinte, mas mantendo-se como componente direto da estrutura complexa ao conservar sua identidade. Assim, esses autores, ao abordarem as relações existentes entre as cláusulas em seus estudos, procuram distinguir o tipo de dependência existente entre as cláusulas em nível de integração estrutural. A integração estrutural, segundo eles, é um termo mais adequado que ‘encaixamento’, pois este último, muitas vezes, é confundido com a hipotaxe. Portanto, sob esse prisma, a existência de cláusulas dependentes em relação a outra cláusula, mas que não se encontram estruturalmente integradas a ela, o que dá origem às cláusulas hipotáticas que servem como alvo de pressuposição a partir de uma outra sentença.

Contribuindo para os estudos funcionalistas a respeito de articulação de cláusulas, Hopper e Traugott (1993) sugerem, para a classificação das orações, um enfoque que priorize a semântica e a sintaxe, propondo estudar as construções sintáticas em um *continuum*, apresentando uma trajetória unidirecional, no sentido da menor para a maior integração. De acordo com essa perspectiva unidirecional, as orações poderiam ser classificadas da seguinte maneira:

Trajectoria unidirecional

parataxe > hipotaxe > subordinação
(conteúdo) – dependente + dependente + dependente
(expressão) – encaixada – encaixada + encaixada

Quadro 4: Trajetória unidirecional – Hopper e Traugott (1993)

Para os autores, na origem, as orações eram coordenadas (orações paratáticas), ocupando, portanto, o ponto inicial desse *continuum* (à esquerda); posteriormente, elas passam a ter um grau maior de integração, mas não totalmente, ocupando, então, o ponto medial do *continuum* (orações hipotáticas); finalmente, tornam-se dependentes no ponto extremo desse *continuum* (à direita) (orações subordinadas). As paratáticas são menos dependentes e menos encaixadas; as hipotáticas são mais dependentes e menos encaixadas; as subordinadas são mais dependentes e mais encaixadas. O termo ‘encaixamento’ remete à dependência maior ou menor entre os termos. Assim, as paratáticas (coordenadas) são postas lado a lado e, portanto, são independentes; as hipotáticas (adverbiais e adjetivas explicativas) são mais dependentes da oração matriz, mas não são complementos para um termo nela presente; as subordinadas (substantivas e adjetivas restritivas) são totalmente dependentes da oração matriz e encaixadas a algum termo dela.

Votre (2004) considera, também, que inicialmente as línguas seriam paratáticas, predominando a justaposição, e, posteriormente, com as pressões de uso, teriam mudado, progressivamente, para a hipotaxe e a subordinação. Ao concordar com a existência desses três níveis, Oliveira (2001) ressalta a possibilidade de existência de graus ou níveis situados em um espaço marginal,

enquadrando-se neles as construções ou estruturas menos representativas dos padrões classificatórios. Ou seja, ainda entre esses três níveis existe a possibilidade de haver outros, por exemplo, as orações correlativas aditivas (*não só...mas também* etc), alternativas (*ou...ou* etc), consecutivas (*tão...quanto; tanto...que* etc) e comparativas (*mais...do que* etc), que não estão bem alocadas nesse *continuum*, pois não são nem totalmente paratáticas, no caso das aditivas e das alternativas, nem totalmente subordinadas, no caso das consecutivas e das comparativas.

Desse modo, a proposta funcionalista reconhece a possibilidade de estruturas menos representativas dos padrões classificatórios, visto que a linguagem não é um objeto estático, mas sim um recurso comunicativo que admite readequações conforme as necessidades advindas das pressões de uso. Ao compreender essa característica da língua, a ocorrência de “estruturas desgarradas”, como as que são objeto de estudo do presente trabalho, passa a ser considerada uma estratégia desenvolvida pelo usuário da língua a fim de alcançar seus objetivos finais.

Ao estudar a combinação de sentenças, Castilho (2010), utilizando uma linha de pensamento próxima ao que propõem Hopper e Traugott (1993), adota o uso do termo ‘sentença complexa’ para denominar os enunciados que apresentam mais de um verbo e que são nomeados pela GT como período composto. O autor ressalta a diferença entre a estruturação das diversas sentenças a partir do grau de integração existente entre cada uma delas, avaliando-o por meio da alteração de ordem de figuração, ou seja, ao alternar a ordem em que se apresenta cada exemplo, é possível verificar o que é aceitável em termos de interação e o que se torna inviável em um discurso gramaticalmente e semanticamente aceitável.

A seguir, são apresentados os exemplos citados pelo autor e as respectivas explicações quanto à alteração de ordem. Destacamos que não abordamos na explanação do trabalho de Castilho as sentenças correlatas, por não serem objeto de análise do presente trabalho. A alteração de posição em sentenças de mesmo nível, portanto atos de fala independentes, como as seguintes coordenadas apresentadas em Castilho (2010, 337-338),

- (2) “Não pagou, foi para a cadeia.”
- (2a) “Foi para a cadeia, não pagou.”
- (8) “O aluno ou falava ou ficava quieto”
- (8a) “O aluno ou ficava quieto ou falava”

comprova a possibilidade da reversão de posição sem prejuízos para sua compreensão, embora em (2a) a sentença complexa apresente uma relação de sentido que expressa conclusão, e em (2) a relação de sentido estabelecida é de causa, ocorrendo, portanto, uma alteração de sentido com a reversão de posição⁴

Já em sentenças complexas, também coordenadas, como (CASTILHO, 2010. 337-338)

- (1) “Escreveu, não leu, o pau comeu.”
- (1a) “O pau comeu, não leu, escreveu.”

a alteração de posição origina sentenças inaceitáveis.

Em relação à subordinação, a alteração gera enunciados inaceitáveis quanto à escrita quando nos referimos às sentenças encaixadas, como ocorre nos exemplos apresentados pelo autor:

- (4) “O aluno que falou era o melhor da classe.”
- (4a) “Que falou era o melhor aluno da classe.”
- (5) “O aluno falou que o professor saiu.”
- (5b) “Que o professor saiu o aluno falou.” (CASTILHO, 2010, 337-338)

Isso ocorre, porque a sentença *que falou*, em (4), está encaixada no sintagma nominal *aluno*, assim como *que o professor saiu*, em (5), está encaixada no sintagma verbal *falou*, configurando a dependência entre as sentenças.

Porém, na seguinte sentença adverbial,

⁴ Ressaltamos que Castilho (2010) integra as orações adverbiais em três grandes tipos, dentre eles destaca-se o da **causalidade *lato sensu***, em que, segundo o autor, estão agrupadas as orações adverbiais causais, condicionais e concessivas e as tradicionalmente classificadas como coordenadas explicativas e conclusivas.

(6) “O aluno entrou quando o professor saiu.”

(6b) “Quando o professor saiu o aluno entrou.” (CASTLHO, 2010, 337-338)

constata-se a dependência, mas não há ‘encaixamento’, o que permite a reversão de posição sem alteração de sentido, pois *quando o professor saiu* age como adjunto do sintagma verbal *entrou*. De acordo com a visão do autor, a dependência seria relativa apenas à gramaticalidade das sentenças, porque cada uma constitui parte dos sintagmas das orações com as quais se relaciona, seja no âmbito do nome, do verbo, ou de toda a sentença, como no caso das adverbiais. O autor acrescenta, para elucidação do conteúdo investigado, uma tipologia referente às sentenças complexas a partir de alguns parâmetros, descrevendo-as em:

Sentenças complexas justapostas, nas quais não há nexos conjuncionais; elas são justapostas ou coordenadas assindéticas;

Sentenças complexas coordenadas, nas quais uma sentença coordena-se à outra por meio de conjunções, porém o autor destaca o fato de não haver oração principal, pois não existe relação de dependência entre elas;

Sentenças complexas encaixadas, nas quais uma sentença é constituinte da outra, gerando diferentes tipos de dependência: (i) o encaixamento se estabelece por meio de uma relação argumental com o sintagma verbal, orações *substantivas* ou *integrantes*; (ii) o encaixamento é estabelecido a partir da relação de adjunção ao sintagma nominal, orações *adjetivas* ou *relativas restritivas*;

Sentenças complexas em adjunção, aquelas em que ocorre uma relação de adjunção entre as sentenças, sem haver o encaixamento. Nesse caso, o autor refere-se às subordinadas adverbiais, ou também referidas como hipotaxe de realce.

No presente trabalho, consideramos para análise a hipotaxe de realce, que contempla as orações adverbiais, e, para essas ocorrências, será destinada uma seção específica como se verifica a seguir.

CAPÍTULO 3. Considerações acerca das “estruturas desgarradas”

Este capítulo apresenta o material teórico pesquisado e estudado a respeito do tema “estruturas desgarradas”. Para tanto, o capítulo aborda questões relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, como a hipotaxe adverbial, a noção de Unidades de Informação (doravante UIs), desenvolvida por Chafe (1980), o propósito no uso das “desgarradas”, as funções textual-discursivas das estruturas “desgarradas” e, por fim, a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory*) (doravante RST), abordagem teórica que propõe uma análise que trata das relações estabelecidas pelas “estruturas desgarradas”.

3.1 A hipotaxe adverbial ou de realce e as “estruturas desgarradas”

As cláusulas denominadas tradicionalmente como adverbiais têm sido alvo de inúmeras pesquisas de cunho funcionalista, principalmente pelo fato de as ocorrências que envolvem esse tipo de construção estarem distantes do que a GT classifica como subordinação, em especial no que diz respeito à dependência sintática e à função atribuída a elas pelos gramáticos tradicionais de completar o sentido da cláusula principal com a qual se relacionam. Para o desenvolvimento deste trabalho, interessa-nos os casos de articulação por hipotaxe denominadas por Halliday como de *realce* (*enhancement*) – também, conhecida por ‘destaque’ ou ‘embelezamento’, assim caracterizadas por Decat (2001):

por *hipotaxe de realce* entenda-se o fenômeno de articulação de cláusulas que se combinam para modificar, ou expandir, de alguma forma a informação contida em outra cláusula (ou porção do discurso), o que é manifestado pelas relações circunstanciais. Nesse caso, uma cláusula realça, salienta o significado de outra qualificando-a com referência a tempo, modo, lugar, causa ou condição. Segundo Halliday, a combinação ‘realce+hipotaxe’ dá origem ao que tradicionalmente se chama de cláusula adverbial e que constitui - nos termos de Thompson e outros autores [...] opção de organização discursiva. (DECAT, 2001, p. 111)

Para a autora, os estudos voltados para as cláusulas adverbiais não devem considerar apenas o nível sentencial da construção, pois, embora em alguns casos seja possível explicar a relação hipotática considerando a integração

estrutural, existe um número considerável de ocorrências desse tipo em que a explicação para a relação entre as cláusulas adverbiais sustenta-se no discurso que as envolve. Assim, a classificação tradicional em subordinada adverbial não é suficiente para esclarecer e refletir a capacidade de combinação entre as cláusulas adverbiais, que se materializa na competência organizacional do falante em articular diferentes mecanismos linguísticos a fim de formar um discurso coeso e coerente, propriedade básica da organização discursiva.

Conforme a GT, as cláusulas subordinadas adverbiais são compreendidas como aquelas que funcionam como advérbio em outras cláusulas, colocação que, como já mencionado anteriormente, fica restrita ao nível de encaixamento sintático, o que nem sempre ocorre, como é o caso da conhecida expressão “Leite com manga, morre!”, utilizada por Decat (1993) como título de sua tese de doutorado. Mesmo que uma análise tradicional focasse apenas o encaixamento sintático para determinar uma construção como subordinada, isso não contemplaria todos os eixos de uma análise da língua em uso, pelo fato de uma cláusula adverbial exercer diferentes tipos de função em uma organização discursiva, não se restringindo à função sintática, mas ampliando a sua atuação para todo o discurso, no sentido de orientar o ouvinte para a mensagem principal a ser transmitida.

Desse modo, não há como não assumir a existência de cláusulas regidas pela articulação por hipotaxe, ou seja, a combinação de cláusulas que, não sendo delimitadamente coordenadas, também não são casos restritos de encaixamento, pois apresentam dependência semântica relacionada ao nível discursivo. Assim, diferencia-se a hipotaxe adverbial dos casos de subordinação, como no exemplo a seguir em que a oração subordinada substantiva subjetiva em destaque desempenha função sintática de sujeito em relação à oração matriz.

“É certo **que a presença do dono o sossegava um pouco.**” (M. Torga, *B*, 52-53, *apud* Cunha & Cintra (2001))

Nesse sentido Castilho (2010) afirma que as orações adverbiais possuem uma ligação mais fraca com a sentença matriz com a qual se relacionam, sendo, portanto, menos estruturadas sintaticamente e mais sensíveis às necessidades do discurso. Desse modo, o autor acredita que o melhor critério para a análise das adverbiais é considerar, por um lado, o grau de interdependência estabelecido

com a sentença nuclear à qual se vinculam e, por outro, o tipo de relação lógico-semântica que expressam.

Rodrigues (2010) aponta alguns fatores a serem considerados em relação ao comportamento singular das orações adverbiais e que comprovam a necessidade de uma classificação distinta da que é proposta pela GT. De acordo com a autora, esses fatores são:

- 1) a existência de orações cuja natureza é contestada;
- 2) a existência de orações adverbiais não contempladas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB);
- 3) a existência de orações adverbiais que podem ser construídas por séries correlativas;
- 4) a existência de orações adverbiais que podem ser construídas com todas as formas nominais do verbo – infinitivo, gerúndio, e participio;
- 5) a possibilidade de as orações adverbiais poderem ocupar diferentes posições no período em que se encontram: quais normalmente são pospostas ou antepostas a sua principal, quais sempre estão pospostas ou antepostas a sua principal.
- 7) a existência de orações adverbiais que só se constroem com verbo na forma reduzida;
- 8) a existência de orações adverbiais que, quando reduzidas, só se constroem com verbo infinitivo. (RODRIGUES, 2010, p.50)

Ressalte-se aqui a estrutura foco de nosso trabalho, que ratifica o comportamento heterogêneo das cláusulas adverbiais. Nesse sentido, a singularidade das orações adverbiais comprova-se, se considerarmos que orações como as que são alvo de estudo nesta pesquisa não são contempladas pela GT, já que se apresentam estruturalmente diferentes do que a tradição gramatical propõe, mas não deixam de cumprir a função a que se destina no discurso, como podemos observar no exemplo a seguir em que a oração destacada, embora apresente um conectivo característico da hipotaxe adverbial de concessão, apresenta-se separada da oração principal por um ponto final, focalizando um aspecto do discurso que abre uma concessão em relação ao aspecto anterior e por isso merece a ênfase alcançada pelo uso da desgarrada.

“Nós queremos ser o banco da sua vida. **Mesmo que você não seja nosso cliente.**” (ISTOÉ, nº 1754, p. 24, Propaganda do Banco Real, *apud* Decat (2011)).

De acordo com Neves (2010):

Embora altamente sensíveis às determinações do discurso, tais orações-satélites são termos opcionais, e, por isso mesmo, particularmente ligados a escolhas do falante, na sua busca natural de melhor cumprimento de funções no seu enunciado. Essa é afinal uma zona com amplo espaço de manipulação do falante na construção de seu enunciado, ficando evidente o baixo nível de restrições que o sistema impõe a variações construcionais. (NEVES, 2010, p. 233-234)

Considerando a proposta de Dik (1989) e consoante o que propõe Neves (2010), podemos afirmar que, apesar de as cláusulas hipotáticas não agirem como argumento do predicado, mas sim como satélites, elas são tão necessárias às intenções do falante para alcançar seus objetivos quanto as orações que agem como argumento, ou seja, que se “encaixam” na predicação, podendo agir em qualquer uma das camadas organizacionais do discurso para acrescentar-lhe informações. Por atuarem como satélites da predicação, tais construções são menos limitadas a restrições, enquadrando-se, conforme Neves (2010), em um amplo espaço de manipulação do falante na construção de seu enunciado.

Quanto à posição dessas construções, a autora afirma que a ordem de posicionamento das construções adverbiais reflete as motivações do intercurso interacional, as quais são altamente funcional-discursivas, portanto, a ordem é pertinente ao efeito semântico e pragmático que o falante deseja alcançar com sua produção. Neves (2010) afirma que a posição das adverbiais na produção linguística (anteposta, intercalada, posposta) proporciona diferentes efeitos no domínio pragmático-discursivo da produção linguística em foco. Assim, quanto à posição em relação à oração nuclear, de acordo com Givón (1995), as orações antepostas ou as intercaladas apresentariam a função de reorientar a temática abordada no período, podendo, também, serem marcas de rupturas de temáticas apresentadas no discurso.

Contemplando a anteposição da hipotaxe de realce, Neves (2010) utiliza os estudos de Haiman (1978) para justificar a preferência pela anteposição no uso de algumas sentenças adverbiais que agem como tópico das construções em que ocorrem. Nesse sentido, considerando as definições de tópico apresentadas por Haiman (1978), essas orações oferecem informação ‘velha’ que se configura no discurso como ‘dado’ e constitui-se como o ponto de partida no qual se estrutura a informação ‘nova’, “a moldura de referência em relação à qual a oração principal é

verdadeira (se for uma proposição) ou apropriada (se não for)” (NEVES, 2010, p. 234).

Danom-Boileau *et al.* (1991, *apud* NEVES, 2010) também tratam em seus estudos a anteposição característica das adverbiais que, para os autores, apresentam maior integração discursiva que sintática, agindo como ‘tema’ das construções em que se encontram. Assim, para esses autores, a anteposição das adverbiais caracteriza sua ação como ‘tópico’/‘tema’ das sentenças complexas em que atuam.

Porém, quando os satélites adverbiais aparecem em posição oposta – posposição – obtém-se diferente efeito pragmático-discursivo; na maioria dos casos, eles agem como adendo, ou seja, “segmentos trazidos pelo falante após pausa que indicaria encerramento do ato de fala”, daí a explicação para o caráter ‘remático’, observado por Decat (2011) nas estruturas “desgarradas”. As noções de ‘tema’ e ‘rema’ serão desenvolvidas em um tópico posterior.

Decat (2011), ao deparar-se com a estrutura *Mesmo quando estivermos a utilizar nossa própria língua*, empregada pelo escritor português José Saramago, inicia seus estudos de ocorrências desgarradas como estruturas livres, autônomas, ou seja, enunciados considerados, por ela, independentes, mas que são tratados pela GT como dependentes e classificados no quadro da subordinação. Assim, em seu livro “Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa”, a autora aborda a existência de tais ocorrências, realizando uma coletânea dos diversos trabalhos desenvolvidos a respeito do tema. Ao aprofundar seus estudos sobre as “desgarradas”, Decat (2011) observa que quando nos referimos à classificação de orações subordinadas apresentada pela GT, como é o caso das orações adverbiais, a noção de dependência imposta apresenta-se baseada apenas no parâmetro formal, limitando-se a uma categorização de oração dependente assumida, unicamente, a partir da codificação morfossintática. O que ocorre, portanto, é a identificação, por parte de estudiosos estruturalistas e da própria GT, de subordinação atrelada à noção de dependência estrutural vinculada e restrita à presença ou ausência de conectores entre as orações.

É essa noção de “dependência” apresentada pela GT em relação à subordinação que é contestada por Decat (2011), no caso das “desgarradas”. A

autora considera – indiferente da marca característica de “dependência” apresentada pela “desgarrada”: conectivo, uso de subjuntivo, ou outro – que esse tipo de ocorrência constitui, em sua independência, uma Unidade de Informação à parte – “*idea unit*” (CHAFE, 1980) – ou um ato discursivo completo, tratando-se, em termos funcionalistas, de uma estrutura que existe formalmente por si só, e que se caracteriza como um enunciado independente, mesmo que haja uma ligação semântica entre a “desgarrada” e a porção textual à qual ela se relaciona. Posteriormente serão discutidas as ideias de Chafe (1980-1984) referentes à unidade de informação.

Consoante ao pensamento de Decat (2011), ao considerar os diversos questionamentos e as novas propostas em relação a cláusulas denominadas subordinadas pela GT, autores como Haiman (1983), utilizando o conceito de ‘figura e fundo’, propõem a independência da cláusula subordinada, em termos semânticos, no sentido de exercer papel de ‘fundo’. De acordo com Cunha *et al.* (2003), na linguística, o Funcionalismo utiliza a teoria da noção de ‘figura e fundo’ para diferenciar as partes do discurso que têm maior relevância ou são mais nítidas ao usuário da língua.

Esses relevos discursivos foram observados a partir de estudos realizados acerca da maneira como o falante organiza seu texto, o qual possui planos discursivos em que se configura a existência de porções que são centrais e outras que são periféricas. Desse modo, por figura compreende-se a porção do texto que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, reais, os quais estão sob a responsabilidade de um agente, o qual constitui a comunicação principal. Por sua vez, o fundo corresponde à descrição de eventos que ocorrem simultaneamente ao plano da figura, à descrição de estados, localização dos participantes e comentários avaliativos.

Assim, estruturas “desgarradas” do tipo “Se eu ganhasse na Sena!” (DECAT, 2011) e isoladas de uma cláusula nuclear, não poderiam ser consideradas ‘fundo’, pois não existe uma ‘figura’ com a qual tal cláusula esteja vinculada e com a qual possa contrastar-se em relação à informação que ela apresenta. Porém, assim como propõe Reinhart (*apud* DECAT, 2011), ao contrário da ‘figura’, que depende do ‘fundo’ para caracterizar-se, o ‘fundo’ não depende da ‘figura’ para existir. Partindo desse pressuposto teórico, é possível

considerar a existência de ocorrências isoladas como o exemplo supracitado, em particular quando se trata de cláusulas adverbiais, o que acaba por comprovar a independência do 'fundo'.

Decat (2011) afirma que a ocorrência de estruturas que se apresentam “desgarradas” foi constatada por estudiosos como Góis (1955), que as considerou uma “anomalia gramatical”, e Perini (1989), que destaca certa frequência de ocorrências de cláusulas adverbiais isoladas, constituindo outro período. Portanto, em decorrência da consideração do uso da língua para satisfazer a necessidade do falante, uma análise adequada para as “estruturas desgarradas” não deve restringir-se ao nível sentencial do discurso, mas ser mais abrangente, no sentido de considerar o discurso em sua totalidade.

Assim, casos como o foco de nosso trabalho, denominado muitas vezes de “falsas coordenações”, Garcia (2002), comprovam a necessidade apontada por alguns autores da redefinição do conceito de “subordinação” por parâmetros que possibilitem descrever a relação estabelecida entre as cláusulas no nível discursivo, pois o termo subordinação mostra-se limitado, no sentido de não apontar eficazmente os diferentes tipos de interdependência existentes entre as cláusulas.

Torna-se, portanto, mais coerente a proposta de funcionalistas que distinguem as estruturas de encaixamento, substantivas e adjetivas restritivas, em que a integração estrutural está relacionada a fatos da gramática da língua por desempenharem um papel gramatical na oração matriz à qual estão vinculadas, daquelas cláusulas dependentes, que são opções de organização discursiva eleitas pelo usuário da língua, como no caso das adverbiais e das relativas / apositivas (adjetivas explicativas).

Em seus estudos, Decat (2011), a partir de resultados obtidos em pesquisas a respeito das “relações de sentido” estabelecidas entre as orações sem se prender à nomenclaturas ou classificações, observou algumas diferenças entre o comportamento das cláusulas coordenadas e subordinadas:

1. a proximidade semântica e a semelhança estrutural entre orações coordenadas e subordinadas conduzem a dificuldades na distinção entre esses dois tipos de processos;
2. o comportamento diferenciado das cláusulas substantivas e adjetivas restritivas, de um lado, e das adverbiais e apositivas, de outro,

decorre do fato de as primeiras constituírem estruturas de encaixamento, ou seja, integradas estruturalmente em outra cláusula numa função de ARGUMENTO, fazendo parte, portanto, de uma mesma unidade de informação. Já as segundas funcionam como ADJUNTOS, caracterizando-se como opções organizacionais do discurso, constituindo, pois, unidades de informação à parte;

3. A oscilação verificada nas distinções feitas pelos informantes sugere, para o caso das adverbiais, por exemplo, que uma relação de dependência menor está caminhando para uma independência, originando um '*desgarramento*'. Isso explica a ocorrência, bastante frequente, de cláusula subordinada constituindo sozinha um enunciado... (DECAT, 2011, p. 32)

Portanto, o fato de as adverbiais, como aponta Castilho (2010), estabelecerem uma relação de adjunção com o segmento com que se relacionam e de formarem unidades de informação à parte, assim como propõe Decat (2011), proporciona e facilita o “desgarramento” das cláusulas adverbiais. A seguir, será desenvolvido um tópico a respeito do conceito de *Idea units* ou *intonation units*, proposto por Chafe (1980; 1984) e utilizado por Decat (2011) para a compreensão da noção de independência presente nas “desgarradas”.

3.2 Unidades de informação (UIs)

Para melhor compreendermos a proposta de Decat (2011) em relação à (in)dependência das “estruturas desgarradas”, é necessária uma explanação a respeito do que Chafe (1980) denomina de “*idea unit*” e a autora traduz como “unidade de informação” (UIs) ou “unidade informacional”. Para o autor, existem três componentes responsáveis pelo pensamento: *information* (informação), *self* (eu) e *consciousness* (consciência). A ‘informação’ refere-se ao conhecimento que a pessoa detém, aos dados que foram coletados em diversas fontes e lhe estão disponíveis. O ‘eu’, de acordo com o autor, é uma espécie de “executivo”, que fornece o controle central sobre o que acontece, sendo, nas palavras do autor, possuidor de complicados objetivos e interesses. E, por fim, a ‘consciência’, caracterizada como o mecanismo pelo qual o ‘eu’ faz uso das informações que possui.

De acordo com o autor, a consciência tem quatro propriedades. Primeiramente, ela apresenta uma capacidade limitada, comparando-se à capacidade que ela possui de armazenar uma grande quantidade de informação;

a quantidade que pode ser ativada em um determinado momento é muito pequena. Segundo, ela apresenta uma duração limitada que repousa brevemente em um lugar qualquer da informação disponível, pois o pensamento está em constante mudança. Terceiro, a consciência move-se irregularmente, ou seja, ela não flui continuamente através da informação disponível. E, finalmente, ela apresenta um foco central e um periférico e ambos se revezam quando há várias informações sendo acessadas. (CHAFE, 1980, p. 11-12)

Justamente na noção de foco de consciência o autor busca o aporte para descrever o que ele denomina de *brief spurts of language* (breves jorros de linguagem), ou *idea units* (unidades de informação) nos termos de Halliday (HALLIDAY, 1967, *apud* CHAFE, 1980, p. 13). Para Chafe (1980), a fala apresenta a característica de ser produzida não em um fluxo corrente, mas em uma série de breves jorros. Assim, ao proferir um discurso espontâneo, o conteúdo lexical organiza-se em etapas, que podem corresponder tanto a uma única cláusula simples quanto à parte de uma cláusula simples. Segundo o autor, essas etapas equivalem a unidades de informação à parte. Chafe (1980) aponta três critérios que podem ser utilizados para caracterizar uma unidade de informação: o contorno de entonação presente no final das orações – *clause-final*, que pode, ou não, estar marcado por vírgulas (uma pausa – para o autor), a existência de breves pausas indica a separação entre uma unidade e outra; o fator sintático – a tendência que essas unidades de informação apresentam de constituírem uma única cláusula, ou seja, de apresentarem um único verbo. Porém, de acordo com o autor, embora as “*idea units*” tenham uma tendência de serem definidas por esses três fatores: entonacional, hesitacional e sintático, mas nem sempre os três estarão presentes. Chafe (1980) considera que as unidades de informação expressam focos de consciência. Para ele, é necessário compreender que o teor das unidades de informação reflete os interesses do “*self*”, entendido aqui como o “eu” presente no usuário da língua.

Retomando seus trabalhos a respeito das “*idea units*” e aplicando os mesmos conceitos aplicados na escrita para a fala, Chafe (1984) utiliza o termo “*intonation units*” – unidade de entonação – para designar a verbalização da informação ativa na mente do falante, considerando que a unidade de entonação

verbaliza o foco de consciência do falante em determinado momento. Assim, de acordo com o autor,

When people speak, they typically do so in spurts which have a mean length of about 2 seconds, or approximately 6 words. These spurts are characterized above all by having a single coherent intonation contour [...] They are usually separated from each other by at least a brief pause. I have hypothesized (Chafe 1980) that an intonation unit is the expression of what I have called a single “focus of consciousness”⁵. (CHAFE, 1984, p. 437)

O autor acrescenta que, assim como na fala, a entonação marca a duração dos jatos de linguagem; também na escrita esses jatos de linguagem podem ser marcados pela pontuação utilizada pelo falante na intenção de imitar a entonação da fala.

Decat (2011), baseando-se nos estudos de Chafe (1980), sugere que a “unidade de informação” é um “jato de linguagem” que detém toda a informação capaz de ser ‘manipulada’ pelo falante em um único foco de consciência. Chafe (1980) referindo-se à “idea unit” afirma que existe um limite quanto à quantidade de informação que o falante é capaz de focalizar de uma só vez, de modo que a “unidade de informação” – UI corresponde àquilo que se expressa pela “memória de curto termo” ou “memória rasa”.

Nesse sentido, a autora acredita que o argumento apontado pelos gramáticos tradicionais para diferenciar uma cláusula principal de uma cláusula subordinada, baseado no fato de a última completar o sentido da primeira, pode ser considerado uma decorrência natural do que constitui, em cada caso, uma unidade informacional. Assim,

O fato de uma cláusula não poder **constituir por si só um enunciado** decorre de não ser ela uma unidade informacional. Por outro lado, se uma cláusula – adverbial, por exemplo – constituir uma unidade informacional por si mesma, ela será uma construção hipotática (uma opção de organização do discurso) e, portanto, independente (DECAT, 2011, p. 29-30)

⁵ “Quando as pessoas falam, elas normalmente fazem isso em jatos que têm uma duração média de cerca de 2 segundos, ou cerca de 6 palavras. Estes jatos são caracterizados, sobretudo, por apresentarem um único contorno de entonação coerente [...] Eles são geralmente separados por pelo menos uma breve pausa [...] (CHAFE, 1980) uma unidade de entonação é a expressão do que eu tenho chamado de “foco de consciência” único”.(CHAFE, 1984, p. 437, tradução nossa)

Portanto, para a autora, as “estruturas desgarradas” podem ser explicadas como opção de organização discursiva que constituem por si só um enunciado, uma unidade de informação à parte, e essa conclusão contrapõe o *status* de dependência, postulado pela GT, em relação às cláusulas subordinadas adverbiais. Ela afirma, ainda, que a dependência que possa vir a permear as cláusulas adverbiais – consideradas orações com um *status* menos dependente por não se tratarem de argumentos de um item lexical – será pragmático-discursiva, refletindo os objetivos comunicativo-interacionais do falante.

3.3 O propósito no uso das “desgarradas”

Decat (2011), ao tratar das “estruturas desgarradas”, afirma que a utilização desse tipo de estrutura pelo falante muitas vezes se justifica pela necessidade que existe em focalizar determinada informação. Assim, para o presente trabalho, consideramos que a atuação das estruturas “desgarradas” evidencia de modo recorrente a focalização em determinada informação, e é a partir da focalização que, segundo Decat (2011), essas ocorrências apresentam seu maior poder de argumentação. Castilho (2010) caracteriza a estratégia de focalização como uma ação que busca deixar em relevo, enfatizar e destacar um determinado elemento da sentença, ou ainda, o todo de um enunciado que carrega consigo informação nova e considerada mais importante, explicando-se, por esse motivo, o destaque que lhe é atribuído. O autor destaca que o recurso prosódico ou gramatical utilizado para assinalar o foco é denominado focalizador e o usuário da língua pode utilizar alguns recursos para alcançar a focalização em seu discurso. São eles:

- (1) pronúncia enfática do segmento que se quer destacar, por em relevo, como em *VOCÊ é que deveria falar*;
- (2) o uso de operadores tais como a expressão clivadora *é que*, em *Você é que deveria falar*, ou uso de um advérbio de focalização, como em “*Só/ apenas/unicamente você deveria falar*.” (CASTILHO, 2010, p. 675)

Consoante o que propõe Castilho (2010), Gonçalves (1998) entende por focalização discursiva a estratégia utilizada pelo usuário da língua para acentuar, ressaltar, colocar em relevo/realce/evidência determinado item ou enunciado em

seu texto. O autor, utilizando-se da metáfora da iluminação teatral, assegura que a focalização age como um refletor direcional, o qual coloca em foco no texto a porção do enunciado sobre a qual o falante gostaria de chamar a atenção de seu ouvinte, deixando-a em destaque. Portanto, o constituinte focalizado apresenta-se como a porção do texto mais informativa/relevante para os ouvintes/interlocutores aos quais se direciona o discurso.

A focalização é um fenômeno de natureza discursivo-pragmática, que permite ao usuário da língua enfatizar e realçar aquilo que ele considera relevante para suas intenções comunicativas, colocando determinado elemento ou informação em primeiro plano ou posição de realce. Gonçalves (1998) afirma que a estratégia de focalização pode ser definida como o *highlighting* atribuído pelo falante à porção do enunciado à qual ele deseja dar relevo, destaque e importância. Assim, determinadas partes de um texto são destacadas pelo seu produtor, não só porque são centrais ao discurso, mas também porque são vistas por perspectivas que afetam o que é dito pelo falante e, também, o que é interpretado pelo ouvinte.

Decat (2011) assegura que, muitas vezes, o comportamento exercido pelas “desgarradas” em situação discursiva confirma, também, a **natureza focalizadora** dessas ocorrências, objetivando, por parte do falante, a organização do fluxo informacional no contexto comunicativo. A partir dessa observação, a autora considera o “desgarramento” um **mecanismo/recurso sintático que serve à estratégia de focalização**. A autora concebe o uso das “desgarradas” como mais um recurso disponível ao usuário da língua, ao produtor do discurso, que utiliza seus próprios critérios e mecanismos para enfatizar e destacar uma informação relevante em sua argumentação.

Desse modo, ao destacar determinado “bloco de informação”, entendendo-se essa expressão como abrangedora da “Idea unit” (1980) e da “intonation unit” (1984), por meio do “desgarramento”, o falante alcança seu intento de chamar a atenção de seu leitor/ouvinte àquilo que ele tem interesse de salientar. A autora utiliza como parâmetros de análise para identificação de uma “desgarrada” a curva entonacional do início ao fim do enunciado e a hesitação, no caso da oralidade, e o ponto final, no caso da escrita, que separa a estrutura “desgarrada” de outra unidade, caracterizando-a como estrutura única, à parte. Esses

parâmetros, porém, não têm de estar todos presentes quando ocorre a caracterização da UI.

Decat (2011) destaca, ainda, que a ocorrência de uma desgarrada se dá pelo fato de ela ser produzida pelo escritor/falante como uma estrutura que ocorre não anexada sintaticamente ao que a antecede, fato que a descaracterizaria do quadro das subordinadas, se considerarmos a análise proposta pela GT. Assim, por ser resultado da intenção do escritor/falante em focalizar, qualquer oração de caráter adverbial pode ocorrer isoladamente, visto que, nos termos de Halliday (1985), esse tipo de oração se caracteriza por prestar-se à função lógico-semântica de expansão por realce. A autora ressalta que, quanto maior for a intenção do falante em destacar, dar ênfase, ou focar determinada informação, maior será a probabilidade de ocorrer o “desgarramento” de uma oração, transformando-a em uma frase autônoma do discurso que, desse modo, tende a apresentar maior peso no fluxo informacional e na cadeia temática, do que se vinculada estruturalmente a outra oração. Decat (2011), ao avaliar a atuação das “desgarradas” no discurso em que estão presentes, considera algumas funções textual-discursivas dessas ocorrências, as quais serão discutidas na sequência.

3.4 Funções textual-discursivas das “estruturas desgarradas”

Considerando as “estruturas desgarradas” como ocorrências de natureza essencialmente focalizadora, as funções textual-discursivas desempenhadas por essas estruturas só são compreensíveis a partir do momento em que se entende que esse tipo de ocorrência acontece de acordo com os objetivos comunicativos do usuário da língua, sendo sua motivação, portanto, pragmática. Conforme Decat (2011), essas ocorrências não se atêm a um gênero textual específico, e sua materialização linguística acontece de diferentes maneiras conforme a necessidade e a intenção sociocomunicativa do produtor do texto, que utilizará essa estratégia para atingir seus objetivos comunicativos. Portanto as “desgarradas” desempenham algumas funções textual-discursivas de acordo com a pretensão do falante. A autora observou algumas funções textual-discursivas mais recorrentes nessas ocorrências, como a de ‘adendo’, ‘retomada’ ou ‘ponte de transição’, ‘guia’, ‘avaliação’, dentre outras. A autora destaca, ainda, que a

mesma “estrutura desgarrada” pode evidenciar uma sobreposição dessas funções.

A fim de compreendermos algumas dessas funções textual-discursivas observadas nas “estruturas desgarradas”, faz-se necessário o desenvolvimento, de alguns conceitos que sustentam o comportamento de tais ocorrências. Primeiramente, devemos considerar a noção de tema/rema, de acordo com a Gramática Sistêmico-Funcional.

Conforme os estudos de Halliday (1985), a Metafunção Textual é responsável pela organização dos significados experienciais e interpessoais do texto. O autor observou que, em muitas línguas, essa organização se relaciona com as escolhas que fazemos a respeito de qual elemento ocupará a posição inicial da sentença enunciada. Esse elemento inicial é denominado ‘tema’, ou seja, ele é o ponto de partida da mensagem.

De acordo com a Metafunção Textual da linguagem, a organização das sentenças divide-se em duas partes: na parte inicial, em que se localiza o ‘tema’, são veiculadas informações que têm por função ligar a nova sentença às sentenças que vieram anteriormente no texto, ou, ainda, estabelecer um contexto para a informação que será apresentada a seguir, o ‘rema’; desse modo, o que está posposto corresponde ao ‘rema’, parte em que se desenvolverão as ideias veiculadas pelo ‘tema’. Desse modo, verifica-se que, na maioria das vezes, o ‘tema’ corresponde à informação dada, a qual já é conhecida pelo nosso ouvinte; o ‘rema’, por sua vez, corresponde à informação nova, àquele conteúdo que nosso ouvinte desconhece e que desejamos que ele passe a conhecer. Entretanto devemos destacar que as dicotomias ‘tema’/ ‘rema’ e ‘dado’/‘novo’ correspondem a dois níveis de análise distintos, mas que são coincidentes em muitos casos.

Esse mesmo conceito de posição – anteposição: ‘tema’ e posposição: ‘rema’ – pode ser utilizado para os complexos oracionais, nos quais, dependendo da posição eleita pelo usuário para a colocação de determinada sentença, ela passará a exercer função de ‘tema’ ou ‘rema’. Nesse sentido, Decat (2009) observa que a ocorrência posposta de algumas orações adverbiais, como é o caso das concessivas e das causais, é um indício de “desgarramento”, no qual a função discursiva exercida é, muitas vezes, de ‘adendo’, de trazer conteúdos e

informações novas ou mesmo novos argumentos para o que está posto no núcleo da relação núcleo-satélite, em que o satélite corresponde à oração adverbial, conceito apresentado que será desenvolvido mais adiante. Desse modo, a ocorrência de uma ‘desgarrada’ em posição final do enunciado, na maioria das vezes, tem função discursiva de ‘adendo’, principalmente quando se trata de concessivas e de causais, as quais, segundo a autora, possuem caráter ‘remático’, ou seja, de adicionar informação nova ao enunciado, propiciando, dessa forma, o “desgarramento”. Nessa função, a “estrutura desgarrada” age no sentido de veicular uma informação que é dada tardiamente, mas que na intenção do falante é necessária ao desenvolvimento e à compreensão de seu discurso.

Assim como Decat (2009), Neves (2010) também constatou o efeito discursivo-pragmático de adendo alcançado pela posposição de orações adverbiais. A autora, tendo por base as noções de *afterthought* propostas por Chafe (1984), acredita que as “desgarradas” atuam principalmente como ‘adendo’, e essa atuação é decorrente de, na maioria dos casos, as informações veiculadas por essas estruturas serem informações suplementares que contribuem no objetivo de argumentação do usuário da língua e que se materializam a partir da estratégia de focalização.

Chafe (1984, p. 447) denomina, genericamente, *afterthought* ocorrências que agem na língua inglesa de modo semelhante ao que Decat (2011) nomeia como “estruturas desgarradas”. A seguir, podemos visualizar dois exemplos do que Chafe (1984) denomina *afterthought* e Decat (2011), em seus estudos, caracteriza como ocorrências “desgarradas” que agem como adendo às informações veiculadas no discurso:

```
... So .. the purpose of the course is to-- ...  
    create something like that.  
... If that's possible.  
  
... I went to the doctor after the first one.  
... When I fainted.
```

Fig. 1: Exemplos de *afterthought* retirados de Chafe (1984, p.446)

Ao traduzir os exemplos apresentados, temos:

“... Então.. a proposta do curso é de... criar algo como isto.

... **Se isso é possível.**”

“... Eu fui ao médico depois do primeiro.

... **Quando eu desmaiei.**” (Chafe, 1984, tradução nossa)

As construções em destaque são exemplos característicos de orações consideradas adverbiais pela GT e, no entanto, elas se apresentam separadas de suas matrizes pelo ponto final, o que suscita o questionamento do nível de dependência presente nessas estruturas.

Para o autor, é como se o falante tivesse decidido finalizar sua afirmação após a sentença principal e, posteriormente, decidisse que seria mais adequado adicionar uma nova informação para propiciar uma melhor interpretação de sua afirmação. Ele utiliza, então, uma adverbial para incluir um *afterthought*, isto é, um suporte para facilitar a interpretação de seu discurso, no qual seus produtores focam separadamente, primeiro a partir da oração principal, e depois com a introdução da adverbial. Note-se que Chafe (1984) também considera que as noções de adendo e de focalização estão muito ligadas à atuação desse tipo de ocorrência; ele faz uma ressalva a respeito da atuação dessas estruturas no discurso. Para ele, frequentemente o *afterthought* age sobre parte da cláusula principal, e, em muitos casos, a ação ocorre em direção ao que está evidenciado no final da cláusula principal.

De acordo com Decat (2011), outra função discursiva desempenhada pelas “desgarradas” é a de ‘guia’ ou *guidepost*. Sobre o tema, Chafe (1984), ao utilizar o termo *guidepost* (guia), sugere que determinadas cláusulas adverbiais presentes em alguns enunciados servem como ‘guia’ para o fluxo informacional do discurso, sinalizando um caminho de orientação para as informações seguintes ao *guidepost*. Um exemplo típico de *guidepost*, segundo o autor, é “*meanwhile, back at the ranch...*” (CHAFE, 1984, p. 444). O autor acredita que o falante, ao utilizar esse tipo de sentença, é capaz de fornecer uma orientação ao seu leitor/ouvinte, seja temporal, condicional, causal ou de outro tipo, para a informação subsequente. Portanto, as sentenças consideradas *guideposts* vêm antes da informação para a qual elas servem de ‘guia’. Nos termos do autor, o *guidepost* seria uma estratégia mais geral de fornecer uma moldura (*frame*) antes de

apresentar o conteúdo do quadro. A seguir, temos alguns exemplos apontados pelo autor:

... uh because I'm an adviser,
I have to be on campus in the afternoons too.

.. But if that .. falls through,
... he was glad to hear that I would be ready to teach that.

... and when we got there,
there weren't any mosquitoes.

Fig. 2: Exemplos de *guideposts* retirados de Chafe (1984, p.445)

Quanto à tradução dos exemplos, temos:

“... **uh porque eu sou um conselheiro**, eu também tenho que estar a tarde no campus.”

“... **Mas se isso.. cair completamente**, ... ele estaria feliz por ouvir que poderia ler para ensinar isso.”

“... **e quando nós chegamos lá**, não havia mosquitos.”

No primeiro exemplo, a cláusula adverbial fornece uma causa para o que está estabelecido na oração subsequente. No segundo, fornece uma condição e, no terceiro exemplo, fornece uma orientação temporal.

Decat (2011) afirma que as orações temporais são comuns na função de *guidepost*, mas isso não significa que outros tipos de cláusulas hipotáticas adverbiais não ocorram exercendo tal função. Na maioria dos casos, por se tratar de ‘guia’, esse tipo de ocorrência é empregado anteposto ao discurso subsequente ao qual ela se refere, muitas vezes delimitando sua interpretação, podendo também servir de ‘moldura’ (frame) e ‘enquadramento’ do fato no contexto. A autora cita também o uso de cláusulas hipotáticas adverbiais com a função de ‘retomada’ e ‘ponte de transição’, termo utilizado por Givón (1992) e, para melhor compreendermos essas funções, faz-se necessária uma breve explanação a respeito dos processos de coesão textual/referenciação presentes no discurso.

Halliday e Hasan, na obra *Cohesion in English* (1976), defendem que a coesão, fator estabelecido a partir da ligação sequencial entre os elementos

lexicais e gramaticais, é primordial para o desenvolvimento de um texto, pois é a coesão que possibilita alcançar a *textura* ou tessitura (o que diferencia um texto de um não texto). Para os autores, o conceito de coesão é semântico; e diz respeito às relações de significado existentes dentro do texto. Assim, ocorre coesão quando a interpretação de algum elemento do discurso depende de outro elemento também presente no discurso. Portanto, a existência de um elemento pressupõe a existência do outro, no sentido de que ele não pode ser efetivamente decodificado exceto por referir-se ao outro. Quando isso ocorre, a relação de coesão é estabelecida, e os dois elementos, o que pressupõe e o pressuposto, são integrados em um texto.

Para Halliday e Hasan (1976), a coesão é parte do sistema da linguagem e compreende três principais estratos linguísticos: o semântico, o léxico-gramatical e o fonológico e ortográfico. Para os autores existem quatro fatores responsáveis pelo estabelecimento da coesão textual: pela referência, elipse, conjunção e organização lexical.

Interessa-nos especificamente para o desenvolvimento de nossa pesquisa a referenciação. Segundo Halliday & Hasan (1976), na referência a coesão depende da identidade semântica entre o referente pressuposto e a pro-forma que marca a sua presença no ambiente textual ou situacional. Para Koch (2005), a referência é interpretada como uma atividade genuinamente discursiva, pois o modo como a referenciação ocorre é uma escolha individual baseada naquilo que se pretende dizer, tratando-se, portanto, da ação de um sujeito que está em interação com outros sujeitos.

Segundo a autora, a referenciação está pautada no **resgate** anafórico ou na **projeção** catafórica, ou seja, ao produzir um texto, o seu produtor utiliza elementos linguísticos denominados referentes textuais ou referenciais que estabelecem ligação e 'retomada'. Tais elementos são essenciais para a compreensão e sequência do texto, pois são eles que garantem a coesão textual. Assim, os referentes são construídos e reconstruídos no próprio discurso, conforme a percepção individual que o usuário da língua tem a respeito do mundo e de acordo com os objetivos comunicativos presentes na situação de interação.

Consoante a explanação a respeito de coesão textual/referenciação realizada, é válido ressaltar que os efeitos de sentido produzidos em um texto

dependem das intenções do usuário da língua/produtor. Desse modo, cabe a ele eleger estratégias para desenvolver um processo de referenciação que seja pertinente aos seus objetivos comunicativos e que, ao mesmo tempo, permita manter a coesão e a coerência do texto produzido. Entre as estratégias utilizadas no processo de referenciação, Koch e Elias (2006) mencionam o processo de ‘retomada’ ou manutenção, que ocorre quando um “objeto” já presente no texto e mencionado previamente é reativado pela utilização de uma forma referencial, mantendo-se em foco o objeto-de-discurso. Trata-se, portanto, de uma operação que tem por objetivo manter o foco em objetos já introduzidos, originando cadeias referenciais responsáveis pela progressão referencial do texto.

Assim, a utilização de “estruturas desgarradas” com a função textual discursiva de ‘retomada’ de caráter anafórico, nada mais é que um recurso do falante para manter a organização e a progressão de seu texto, porém fazendo uso de uma unidade informacional à parte, que se coloca em relevo e destaque sobre as demais e que possui a função de resgatar/retomar algo anteriormente citado. Do mesmo modo, a utilização de “estruturas desgarradas” como ‘pontes de transição’, também pertence ao nível de organização textual, visto que, de acordo com Decat (2010), a “estrutura desgarrada”, quando em função de ‘ponte de transição’, serve pragmaticamente como ligação entre uma porção e outra do texto, podendo ser, ao mesmo tempo, anafórica e catafórica, resgatando algo anteriormente dito ou projetando para o discurso subsequente. A respeito da função ‘ponte de transição’, Givón (2001) afirma que as cláusulas adverbiais podem exercê-la estando em posição anteposta ou pósposta e sua capacidade de ligação é facilitado pelo fato de esse tipo de cláusula poder apresentar duas direções de conectividade, podendo exercer ligação semântica catafórica com a cláusula principal subsequente, ou uma ligação pragmática anafórica com o discurso precedente. Como verificamos nos exemplos a seguir, citados por Givón (2001):

c. Pre-posed

In the big agency, she worked as an account.

d. Post-posed

She works as an accountant in a big agency.

Portanto a possibilidade de duas direções de conectividade da função de ‘ponte de transição’ é o que a diferencia da função de ‘retomada’ a qual exerce apenas a referência anafórica. De acordo com Decat (2011) função de ‘ponte de transição’ exercida por algumas “desgarradas” pode refletir um comportamento de reformulação ou reparação do discurso precedente ou indicar uma projeção para o discurso subsequente.

Dentre as funções aqui citadas, apresenta-se, também, a de ‘avaliação’. Decat (2010) afirma que, quando a “desgarrada” exerce essa função no texto, é no sentido de atender ao propósito comunicativo do escritor de posicionar-se, manifestando-se contra ou a favor quanto ao conteúdo veiculado na porção textual precedente ou posterior à “desgarrada”. Nesse sentido, é uma utilização que se justifica pelo enriquecimento da argumentação.

Logo, verifica-se que o uso de “estruturas desgarradas”, de acordo com as diferentes funções textuais que elas possam desempenhar, pode ser determinante para o alcance dos objetivos do falante, assim como dos efeitos de sentido produzidos em um texto. Do mesmo modo que se pode determinar qual função textual-discursiva é exercida por uma “desgarrada”, a partir da intenção comunicativa do falante, também se torna viável uma análise que considere as intenções comunicativas do falante/escritor ao proferir seu discurso, assim, como as relações lógico-semânticas estabelecidas a partir da organização textual.

3.5 As relações retóricas – uma análise para as “estruturas desgarradas”

São inúmeros os questionamentos e contestações relacionados à classificação proposta pela GT para relações estabelecidas entre cláusulas, questionando-se a subordinação, visto que ela não abrange, satisfatoriamente, todos os níveis de relação presentes na construção de um enunciado. Desse modo, propomos, nas análises realizadas no presente trabalho, a utilização da Teoria da Estrutura Retórica – RST, a qual tem seu embasamento na vertente funcionalista, que, além de priorizar a língua em uso, considera o texto objeto de estudo. Influenciada pelo Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos, que possui estudiosos interessados em estudar a relação entre gramática e discurso sob um olhar pragmático (ANTONIO, 2009), a RST é relevante para os estudos

linguísticos que se referem à coerência e à organização textual e objetiva estudar e pesquisar a geração automática de texto, concentrando-se na função desempenhada pelas suas porções coerentes.

Ao analisarmos a atuação pragmático-discursiva das “desgarradas”, vamos ao encontro da proposta de estudo de autores como Matthiessen e Thompson (1988), os quais consideram que a classificação tradicional de cláusulas adverbiais em subordinadas apresenta problemas. Dentre eles está o fato de que, na classificação tradicional, a subordinação de uma cláusula a outra não distingue *encaixamento* e *articulação* (combinação) entre cláusulas. Para esses autores, por serem interdependentes do discurso, as cláusulas hipotáticas refletem necessariamente a organização discursiva, e qualquer análise considerada para essas organizações complexas não pode resolver-se apenas no nível interno da frase. Ao se referirem especificamente às orações adverbiais, eles propõem que a combinação dessas orações reflete a organização retórica do discurso. Assim, relações como as de causa, condição, concessão etc. são consideradas relações retóricas e podem ocorrer entre qualquer parte do discurso, não se limitando apenas à sentença. Desse modo, o significado que emerge a partir da combinação de orações ou de sequências maiores do texto são denominadas, pelos autores, de “proposição relacional”.

Matthiessen e Thompson (1988), partindo da coerência do discurso, postulam que a gramática de articulação de cláusulas reflete a organização do discurso, na qual as partes se juntam para formar um todo. Desse modo, a responsabilidade pela organização discursiva de um texto, que permite a sua coerência e coesão, não se restringe às marcas formais ou à noção de dependência estrutural, conforme se encontra na GT, mas a todas as relações de organização existentes entre as partes de um texto, ou seja, as relações textuais.

De acordo com Mann e Thompson (1988), a RST fornece um caminho geral para analisar as relações existentes entre as porções textuais de um texto, estejam elas marcadas ou não gramaticalmente e lexicalmente. Esses autores afirmam que, além do conteúdo proposicional explícito das orações, devem ser consideradas, também, na análise textual, as proposições implícitas, denominadas *proposições relacionais*. Tais proposições podem ser observadas

na construção textual desde a macroestrutura textual até as relações estabelecidas entre duas orações que estariam no nível da microestrutura.

De acordo com os autores supracitados, a RST apresenta quatro tipos de mecanismos: *relações, esquemas, aplicações dos esquemas e estruturas*.

As relações são responsáveis pelas condições de ligação entre duas porções de texto e sua definição parte de quatro condições:

- a) restrições sobre o núcleo;
- b) restrições sobre o satélite;
- c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite;
- d) efeito.

Os esquemas dizem respeito ao modo como se combinam as porções do texto. Esses esquemas pré-definidos são utilizados para demonstrar as relações existentes entre as porções analisadas, sendo elas do tipo núcleo-satélite ou do tipo multinuclear. Considerando a teoria, há três convenções que determinam a aplicação dos esquemas: a ordem em que aparece o núcleo e o satélite não é fixa, as relações individuais são opcionais em esquemas multirrelacionais e uma relação que é parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes forem necessárias.

Tipos de esquemas propostos pela Teoria da Estrutura Retórica:

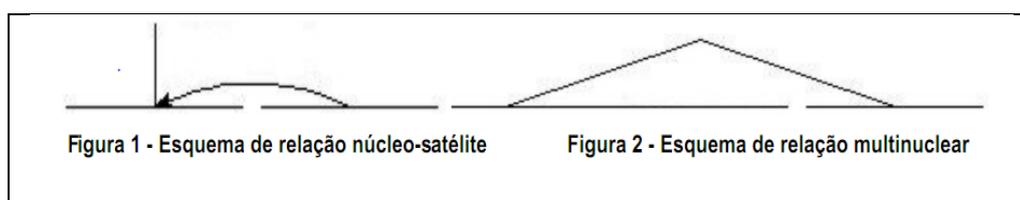


Fig. 3: Tipos de esquemas da RST.

Portanto, a RST propõe a construção de diagramas arbóreos que representam a estrutura retórica de um texto, a qual é definida pelas redes de relações existentes entre as suas porções. Nesse diagrama, as curvas apresentadas na Figura 1 servem para representar as relações estabelecidas, as linhas horizontais, presentes na fig. 5 (Figura 1e 2) marcam as porções de textos

analisadas e as verticais, os núcleos são representados pela linhas verticais e indicados pela seta no final da curva.

Para demonstrar os diagramas arbóreos, tomemos como exemplo a figura 6 a seguir que faz parte do *corpus* desta pesquisa e apresenta um diagrama arbóreo no qual está presente um esquema do tipo relação núcleo-satélite em que a relação estabelecida é de causa volitiva, e um esquema do tipo muitlinuclear em que há uma relação estabelecida de lista.

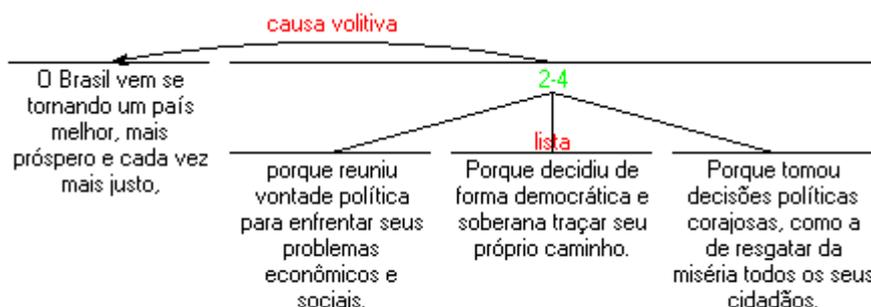


Fig. 4: exemplo de diagrama arbóreo da RST.

Mann e Thompson (1988), após proceder à análise de centenas de texto por meio da RST, estabeleceram em um rol clássico uma lista com vinte e cinco relações que não se trata de uma lista fechada, pois a sua existência não exclui a possibilidade de serem acrescentadas a ela outras relações identificadas pelo analista no desenvolver da análise. Vale ressaltar que há também a existência do anexo estendido, o qual está representado pelas relações presentes no anexo A do presente trabalho.

Quanto às funções globais das relações propostas, Mann e Thompson (1988) apresentam a seguinte divisão:

Relações sobre o assunto: as quais induzem o leitor ao reconhecimento das relações estabelecidas entre núcleo e satélite, sejam elas de elaboração, circunstância, solução, causa volitiva, causa não-volitiva, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, resumo, reafirmação, sequência, contraste e lista;

Relações sobre a apresentação: que têm por função agir sobre o destinatário do texto, aumentando sua posição tendencial, induzindo-o a agir,

acreditar, aceitar ou a concordar com o núcleo do texto: motivação, antítese, *background*, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação;

Referente à organização, de acordo com os autores supracitados, as relações subdividem-se em:

Relações núcleo-satélite: uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), no sentido da porção do texto considerada nuclear ser mais central aos propósitos do produtor do texto, enquanto a porção satélite tem a função de acrescentar informações ao conteúdo da porção núcleo;

Relações multinucleares: não existe a relação de dependência, cada porção do texto é um núcleo distinto.

Portanto as relações estabelecidas na elaboração do texto, de acordo com a RST, podem ser descritas a partir da intenção comunicativa do produtor do texto, assim como da avaliação que ele faz do destinatário para o qual produz. Para avaliar as relações estabelecidas no interior de uma construção textual, a teoria busca apoiar-se em critérios funcionais e semânticos, os quais são utilizados para identificar a função desempenhada por cada porção de texto, e verificar o modo como o texto produziu o efeito desejado em seu receptor. Para Mann e Thompson (1988), o fato de o analista não ter acesso ao produtor do texto, somente ao texto e a seu contexto de produção, proporciona uma análise plausível a respeito do texto analisado..

Constatamos, portanto, que a RST proporciona uma análise que se mostra adequada em relação às “estruturas desgarradas” a serem analisadas nesta pesquisa, visto que essas ocorrências se materializam no discurso do falante em função do efeito e dos propósitos que ele deseja alcançar, indo ao encontro da visão funcionalista pertinente aos métodos utilizados pela análise proposta pela RST.

CAPÍTULO 4. Procedimentos metodológicos

Dividido em três seções, este capítulo destina-se a apresentar os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. A primeira parte refere-se à seleção e à coleta do *corpus*; na segunda parte, são apresentados os critérios que serviram de base para a pesquisa, assim como o programa computacional utilizado na análise pautada na RST e, para finalizar, são apresentados os objetivos da realização do presente trabalho.

4.1 Seleção e coleta do *corpus*

Realizamos a busca e a seleção de períodos regidos por hipotaxe que apresentaram “estruturas desgarradas” pertencentes especificamente à hipotaxe adverbial, considerando as orações adverbiais causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais e temporais.

Na seleção das orações hipotáticas adverbiais causais, consideramos de causa em sentido amplo, ou seja, a causa é interpretada semanticamente como motivo, razão, causa, explicação, justificativa. Esse procedimento também é adotado por Decat (2011), para quem as orações causais abrangem relações que expressam “razão”, “motivo”, “justificativa”, “explicação”, dentre outras; por Neves (2011), a qual considera que a causalidade “deve ser entendida como referente a qualquer zona que se situe no amplo espectro que vai, por exemplo, da causa eficiente à justificação, passando por relações como razão, motivo e explicação.” (NEVES, 2011, p. 816); e por Castilho (2010), que insere no mesmo grupo – causalidade *lato sensu* – dentre outras, as orações adverbiais causais e as coordenadas explicativas. Porém, para critérios de análise, seguimos a proposta da RST, a qual apresenta diferentes relações retóricas que podem ser estabelecidas entre as orações hipotáticas causais – no sentido amplo – sejam elas relação de causa não-volitiva e relação de causa volitiva, consideradas relações que dizem respeito ao assunto; e as relações de evidência, de justificativa e de motivação, consideradas relações de apresentação, de acordo com a classificação quanto às funções globais proposta por Mann e Thompson

(1988). As definições dessas relações são apresentadas no Anexo A da presente pesquisa.

Ao todo foram selecionadas 51 ocorrências para a análise, extraídas de textos escritos, veiculados em revistas impressas e de grande circulação, bem como de textos de circulação na Internet – visto que essa é uma rica fonte de material linguístico. Além dessas fontes, também foram utilizados exemplos extraídos de livros impressos e/ou disponíveis na Internet. Nessa recolha, não elegemos apenas um gênero, pois, assim como afirma Decat (2011), as desgarradas são

motivadas pragmaticamente, conforme os objetivos comunicativos. Consequentemente, a ocorrência das estruturas desgarradas não se atém a um gênero textual específico; mas as estruturas se materializam linguisticamente de diferentes maneiras, toda vez que a necessidade de focalização e argumentação aflora no texto como resultado das intenções e dos objetivos sociocomunicativos do produtor do texto. (DECAT, 2011, p. 122)

As 51 ocorrências variam em gênero e fonte e estão apresentadas no Anexo B da presente pesquisa, juntamente com suas respectivas fontes bibliográficas. O *corpus* de pesquisa foi amplo, o que corrobora com a afirmação de que a construção de “estruturas desgarradas” é uma opção linguística que vem sendo utilizada e encontrada com muita frequência em diferentes gêneros textuais e diversos meios de comunicação, como estratégia do falante no enriquecimento de sua argumentação.

4.2 Critérios utilizados para a análise

A pesquisa foi desenvolvida atendendo aos seguintes critérios:

4.2.1 Tipo de expressões linguísticas que marcam as ocorrências

Demarcação de quais conectivos ou locuções conjuntivas formais são utilizados na ocorrência que se encontra em situação de “desgarramento”.

4.2.2 Análise das funções textual-discursivas

Nesse sentido, foi utilizada a proposta de Decat (2011), a fim de evidenciar qual função textual-discursiva pode ser identificada nas orações hipotáticas que se apresentam em situação de “desgarramento”, observando sempre que a função textual-discursiva vai ao encontro do objetivo intencional do falante ao utilizar o mecanismo de “desgarramento” para alcançar seu intuito comunicativo.

4.2.3 Análise das relações retóricas por meio da utilização do programa RSTTool⁶

Análise das relações retóricas explícitas, visto que em todas as ocorrências foram identificadas marcas formais como conectivos ou locuções conjuntivas⁷, estabelecidas em nível micro de organização do texto nas ocorrências encontradas, tratando-se, nesse sentido, das relações de “núcleo-satélite”. Para essa análise, como citado anteriormente, foi utilizado um programa computacional que será apresentado posteriormente.

Para realizar a análise das relações retóricas estabelecidas entre as “estruturas desgarradas” e as porções textuais às quais elas se relacionam, foi utilizado o programa RSTTool, versão 3.11, de Mick O’Donnel⁸. Esse programa possibilita ao analista construir diagramas a partir de suas análises, dando forma às suas investigações. Ao iniciar a utilização do programa, é necessário que o analista crie duas listas de relações, uma de relações multinucleares e outra de relações núcleo-satélite, as quais serão utilizadas para denominar os esquemas de diagramas que representam as relações estabelecidas entre as porções de texto, assim como pode ser observado na figura 6, que apresenta uma imagem do Editor de relações do programa RSTtool:

⁶ Programa computacional utilizado para elaborar os diagramas arbóreos que representam as relações retóricas estabelecidas entre as partes de um texto.

⁷ Não incluímos em nossa análise estruturas que, embora não apresentem conjunção/locução conjuntiva causal, expressam uma causa, visto que, tradicionalmente, não temos duas orações, e sim um adjunto adverbial de causa. Trata-se de construções como “devido a”, “por causa de” “em razão de” etc. (cf. CASTILHO, 2010, p.375)

⁸ O site www.wagsoft.com. disponibiliza para *download* o programa RSTTool.

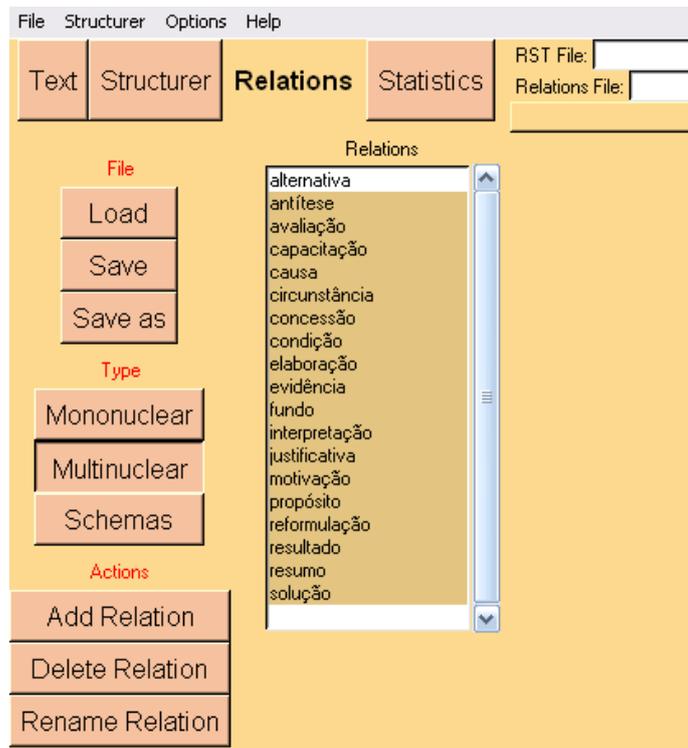


Fig. 5: Editor de relações.

Após a criação das listas, é necessário que o texto, ou porção de texto, seja segmentado. Para isso, o texto precisa ser importado sem qualquer tipo de formatação. Depois de sua importação, o analista pode segmentá-lo por meio de uma ferramenta disponível no programa. Esses passos podem ser visualizados nas figuras 7 e 8, respectivamente:

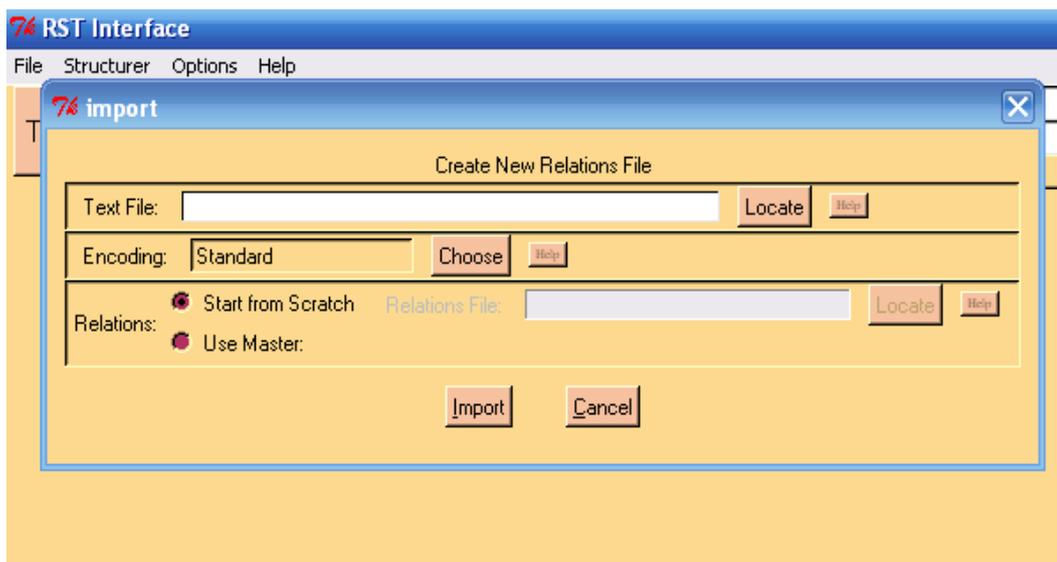


Fig. 6: Importação de texto/porção textual.

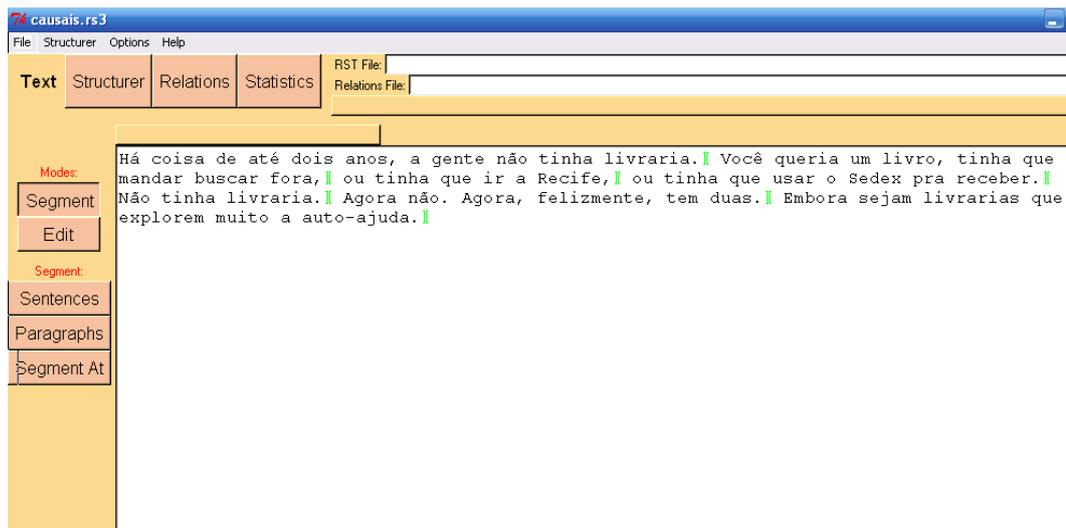


Fig. 7: Segmentação da porção textual.

Finalmente, a partir da análise realizada, é possível montar os esquemas que representam as relações, como mostra a figura 9:

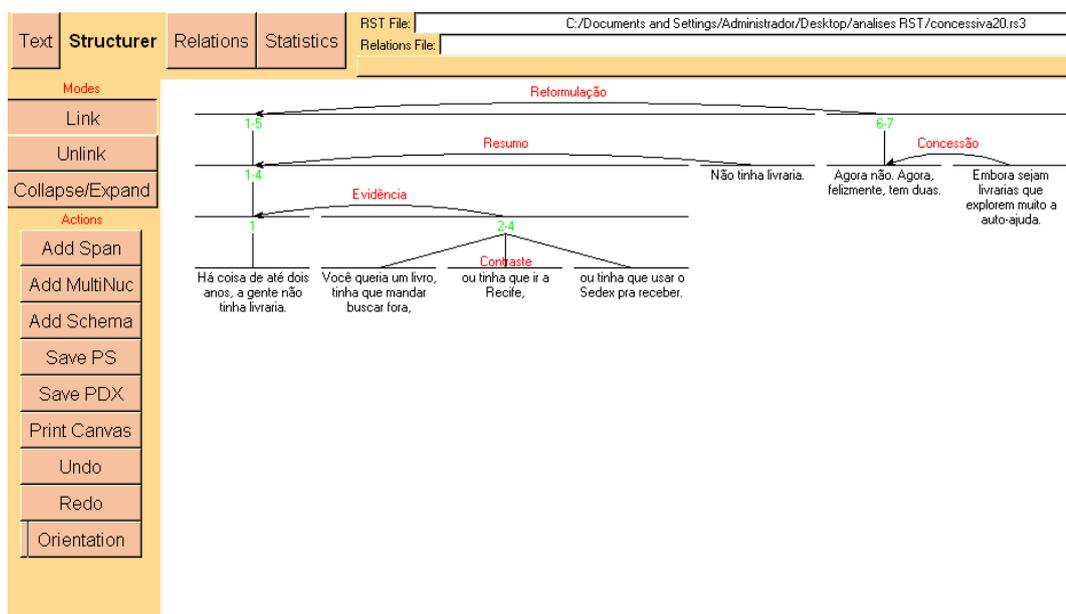


Fig. 8: Esquemas das relações existentes entre as porções textuais

CAPÍTULO 5. Análise do *corpus*

Este capítulo destina-se à análise do *corpus* que foi coletado conforme exposto no item 4.1 Seleção e coleta do *corpus*. O *corpus* foi formado por segmentos de textos nos quais foram localizadas “estruturas desgarradas”, de acordo com a proposta de Decat (2011). Essas “estruturas” encontram-se à margem da classificação proposta pela GT, pois, segundo essa visão, elas não poderiam estar em situação de “desgarramento” por serem consideradas orações subordinadas adverbiais. Porém as hipóteses levantadas nessa pesquisa nos permitem vislumbrar a possibilidade da ocorrência dessas estruturas estarem diretamente ligadas à intenção do falante em enfatizar a informação que elas carregam, cumprindo eficazmente a função de mecanismo argumentativo, além de atuarem como unidades de informações à parte, ou seja, como um ato discursivo completo. Assim, a análise a ser desenvolvida na sequência procederá no sentido de evidenciar quais as funções textual-discursivas desempenhadas, assim como quais as relações retóricas estabelecidas por essas estruturas.

No decorrer da coleta de dados para a pesquisa, encontramos 10 (dez) ocorrências “desgarradas” representantes do grupo das **causais**, termo utilizado para critério de seleção. Embora nossa busca tenha sido no sentido de utilizar ocorrências que apresentassem diferentes tipos de conectivos, todas as ocorrências identificadas em situação de “desgarramento” apresentaram a marca formal “*Porque*”, como se observa a seguir:

1. *Afinal, o Big Bang é a principal e mais aceita, mas não é a única teoria a respeito da criação. **Porque ela tem algumas lacunas.***
2. *“Assim, Breno tem mais condições de planejar sua vida, os lugares que deseja conhecer, as experiências que quer ter. **Porque ele sabe que não vai morrer hoje nem amanhã...**”*
3. *O Brasil vem se tornando um país melhor, mais próspero e cada vez mais justo, porque reuniu vontade política para enfrentar seus problemas econômicos e sociais. **Porque decidiu de forma democrática e soberana traçar seu próprio caminho. Porque tomou decisões políticas corajosas, como a de resgatar da miséria todos os seus cidadãos.***

4. *Felix já fez mais de 4 200 saltos, e só se machucou uma vez: quebrou a perna ao saltar do viaduto Eisentranten na Áustria, em 1996. Agora, se prepara para bater o maior de todos os recordes. **Porque, sim, este recorde já existe.** Em agosto de 1960, o americano Joe Kittinger sentiu na pele o que é cair em queda livre da estratosfera: protegido com capacete e traje pressurizado, saltou de 31333 metros de altura.*
5. *“... É por isso que o FHC lê e o cara lá do Tocantins lê. **Porque o pop atinge a todos.**”*
6. *O Intervozes reivindica para si filiação nessa história. **Porque nos sentimos filhos desse País em construção.***
7. *Tínhamos alguns conflitos com o pessoal dentro da redação. Tínhamos conflito com o pessoal do Partido dos Trabalhadores (PT). **Porque o pessoal do PT queria fazer um jornal partidário.** E a gente dizia não.*
8. *A censura política, do Estado, é uma abominação. Mas a censura econômica, que leva à auto-censura, pode ser mais letal. **Porque ela cria a ilusão que não há censura.***
9. *Há homens que vão além: são viciados em prostitutas. Na comédia que será lançada em 550 cinemas no dia 22 de junho, E aí... Comeu?, baseada na peça de Marcelo Rubens Paiva, um dos três amigos na mesa do bar só gosta de prostitutas. **Porque tem medo de errar.***
10. *Você vai querer levantar a taça de um grande vinho português e fazer um brinde. Não sem antes sentir o buquê e conferir a coloração da bebida, sem pressa. **Porque, em Portugal, as coisas boas da vida merecem ser apreciadas.***

As 10 (dez) ocorrências encontradas apresentaram-se em posição posterior à oração nuclear, confirmando a proposta de Decat (2009/2011), que defende a posposição de algumas orações adverbiais, entre elas as orações causais, como um indício de “desgarramento”, no qual a função discursiva exercida é, muitas vezes, de ‘adendo’ ou *afterthought*. A respeito da ordem nas construções causais, Neves (1999) afirma que “As **causais** com **PORQUE** – que é a conjunção mais usada – são normalmente pospostas, e isso confere a essas orações causais um valor informacional ligado a informação nova.” (NEVES, 1999, p. 808). Além disso, a mesma autora (2010) também constatou a possibilidade de as orações adverbiais pospostas apresentarem efeito discursivo-pragmático de adendo.

As constatações das autoras se confirmaram, pois as ocorrências analisadas, por serem causais, têm a característica de apresentarem informação nova, ou seja, elas possuem caráter remático, colaborando para enriquecer o conteúdo expresso na oração nuclear e, também, a argumentação do falante no sentido de convencer seu interlocutor. (DECAT, 2009)

Outra característica observada nas ocorrências causais desgarradas foi a de agirem como adendo, mas que na intenção do falante é necessária ao desenvolvimento e à compreensão de seu discurso, como podemos observar no exemplo (1), no qual primeiramente é realizada uma afirmação: *Afinal, o Big Bang é a principal e mais aceita, mas não é a única teoria a respeito da criação.* e posteriormente para facilitar, por parte do leitor do texto, a compreensão da afirmação realizada é inserida a “estrutura desgarrada” que tem por função dar uma justificativa para o ato discursivo apresentado anteriormente: ***Porque ela tem algumas lacunas.***

As estruturas analisadas também comprovam o que afirma Chafe (1984) a respeito das “desgarradas” para quem o conteúdo veiculado por essas estruturas constitui informações suplementares que contribuem no objetivo de argumentação do usuário da língua, pois como podemos verificar no exemplo (3), que se destaca por apresentar em sequência duas “desgarradas”, além de acrescentar por meio da função de adendo as novas informações ao porquê de o Brasil estar se tornando um país melhor, mais próspero e cada vez mais justo, o autor enfoca e destaca as causas desse fato a partir do desgarramento. Isso é claramente perceptível pelo destaque dado às duas últimas orações que são acrescentadas no formato de estruturas desgarradas, como se, em cada nova causa apresentada, houvesse uma gradação em relação à necessidade de focalizar a nova informação. De acordo com Gonçalves (1998), a focalização, que no caso é alcançada por meio do desgarramento, é utilizada pelo usuário da língua para acentuar, ressaltar, colocar em relevo/evidência determinado item ou enunciado do discurso que mereça tamanho realce de acordo com as suas intenções.

A ocorrência (4) diferencia-se das demais pelo fato de revelar a sobreposição de funções, visto que a oração ***“Porque, sim, este recorde já existe”***, além de funcionar como adendo ao acrescentar uma informação nova ao contexto em forma de comentário/esclarecimento do autor, justificando a

afirmação feita anteriormente “*Agora, se prepara para bater o maior de todos os recordes.*”, também funciona como guia – *guidepost* – para a informação subsequente, consoante o que propõe Chafe (1984), ao afirmar que cláusulas adverbiais utilizadas na função de *guidepost* sinalizam um caminho de orientação para as informações seguintes. Portanto, a “estrutura desgarrada” em questão serve como um guia para a informação que virá na sequência, sinalizando a respeito do recorde que será apresentado no enunciado posterior: “... *saltou de 31 333 metros de altura*”.

Quanto às relações retóricas apresentadas pelas “desgarradas” causais, identificamos, com predominância, a relação retórica de justificativa. Assim, as “desgarradas” identificadas em (1), (4), (5), (7) e (8) estabelecem relação retórica de justificativa com o núcleo ao qual se relacionam, pois, nessas construções, as relações estabelecidas dizem respeito à apresentação, ou seja, a relação retórica de justificativa, presente nas referidas construções, tem sua ação sobre o destinatário/leitor do texto, agindo de maneira a induzi-lo a acreditar ou a concordar com a informação nuclear que precede a estrutura desgarrada.

Como exemplo das relações retóricas de justificativa, apresentamos a ocorrência (1), em que o satélite “desgarrado” “***Porque ela tem algumas lacunas.***” tem a função de aumentar a tendência do leitor/destinatário a aceitar a afirmação realizada pelo autor no núcleo de que “... *o Big Bang é a principal e mais aceita, mas não é a única teoria a respeito da criação.*”

Em (10), também encontramos uma relação retórica que se enquadra na subdivisão de apresentação, mas, nesse caso, a relação retórica é de motivação, porque a sequência nuclear: “*Você vai querer levantar a taça de um grande vinho português e fazer um brinde. Não sem antes sentir o buquê e conferir a coloração da bebida, sem pressa*” é a oferta de uma ação a ser realizada pelo leitor, enquanto o satélite “***Porque, em Portugal, as coisas boas da vida merecem ser apreciadas.***”, em situação de “desgarramento”, é utilizado para aumentar a vontade do leitor de realizar a ação proposta no núcleo, motivando-o.

Referente às relações retóricas estabelecidas em (3) e (6), elas são de causa volitiva, pertencendo ao grupo das relações cuja função é levar o leitor/destinatário ao reconhecimento das relações estabelecidas entre núcleo e satélite, ou seja, ao grupo das relações que diz respeito ao assunto. Como

exemplo, citamos a “desgarrada” presente no enunciado (3), em que temos três satélites: o primeiro se encontra juntamente à oração matriz “... porque reuniu vontade política para enfrentar seus problemas econômicos e sociais; os dois seguintes, **Porque decidiu de forma democrática e soberana traçar seu próprio caminho. Porque tomou decisões políticas corajosas, como a de resgatar da miséria todos os seus cidadãos.**”, estão em situação de “desgarramento” e atuam no sentido de levar o leitor a reconhecer que a causa de o “... *Brasil* [ter se tornado] *um país melhor, mais próspero e cada vez mais justo*”, ou seja, de ele estar em situação melhor, é resultado das ações voluntárias presentes nos satélites. Portanto os eventos apresentados nas “estruturas desgarradas” causam o evento da oração nuclear antecedente. Quanto à ocorrência (2), a relação estabelecida é de causa não-volitiva, também pertencente ao grupo das relações de apresentação, pois ...*ter mais condições de planejar sua vida, os lugares que deseja conhecer, as experiências que quer ter.* não é uma ação voluntária/volitiva, mas é causada pela “desgarrada” , ou seja, pelo fato dele ...**saber que não vai morrer hoje nem amanhã...**

Os exemplos de orações causais desgarradas estão dispostos na tabela demonstrativa 1, que assim como as demais tabelas demonstrativas que serão apresentadas posteriormente, tem a função de apresentar a quantidade de ocorrências representantes da hipotaxe adverbial de **causa**, no caso dessa tabela, a marca formal (conectivo) presente nas “desgarradas”, a relação retórica estabelecida entre as “desgarradas” e o núcleo a qual se relacionam e a função textual-discursiva desempenhada pela estrutura analisada:

CAUSAIS			
OCORRÊNCIA	MARCA FORMAL	Relação	FUNÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA
(1)	<i>Porque</i>	Justificativa	Adendo
(2)	<i>Porque</i>	Causa não volitiva	Adendo
(3)	<i>Porque</i>	Causa volitiva	Adendo
(4)	<i>Porque</i>	Justificativa	Adendo e Guia (<i>Guidepost</i>)

(5)	<i>Porque</i>	Justificativa	Adendo
(6)	<i>Porque</i>	Causa volitiva	Adendo
(7)	<i>Porque</i>	Justificativa	Adendo
(8)	<i>Porque</i>	Justificativa	Adendo
(9)	<i>Porque</i>	Causa volitiva	Adendo
(10)	<i>Porque</i>	Motivação	Adendo

Tabela 1: das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências.

No decorrer da pesquisa, foram identificadas 6 (seis) ocorrências “desgarradas” com marca formal de **comparação**. É importante ressaltar que a relação de comparação não está presente na primeira lista de relações retóricas proposta por Mann e Thompson (1988), porém autores como Carlson e Marcu (2001) identificaram essa relação em análises realizadas, definindo-a como uma relação em que as porções textuais são comparadas, em alguma dimensão que pode ser abstrata. Essas relações podem estabelecer comparação entre semelhanças ou diferenças, e as porções/entidades envolvidas na relação não estabelecem contraste.

1. *A personagem de Débora Falabella não vai mais aparecer tendo violentas crises de abstinência, mas certos sintomas de seu problema serão mantidos. **Tal é o caso do progressivo descaso com a higiene pessoal.***
2. *“Manoel Fiel Filho fora o 39º suicida do regime, o 19º a se enforcar. **Como Cláudio Manuel das Costas, com as meias, sem vão livre**”.*
3. *Às vezes, não é só a comida que é diferente. Os pratos, os talheres e os copos são separados. **Como se patroetes tivessem nojo das empreguetes.***
4. *Em Niterói, um morro, vertentes. Só por isso, áreas de altíssimo risco para a população. **Como o são as centenas de outros morros, outras vertentes.***
5. *Nada mais bonito do que morrer jovem. **Como Amy.***
6. *Em outro livro, a “Falácia Genética”, apontamos que, numa pesquisa de quase dez anos, 98% das notícias sobre a biologia referem que a resposta*

final está nos genes. Como se fôssemos sistemas fechados, tal qual computadores, e nossos genes fossem chips.

Dos 6 (seis) exemplos de “desgarradas” comparativas, 5 (cinco) apresentaram o “Como” como marca formal, e (1) uma, o “Tal”. Quanto à função discursiva desempenhada pelas ocorrências, identificamos em (1), (2), (3) e (5) a função de adendo, acrescentando informação nova à sequência discursiva por meio do uso da “desgarrada”. Como exemplo temos a ocorrência (1), em que a expressão “**progressivo descaso com a higiene pessoal**”, presente na “estrutura desgarrada”, acrescenta, apresentando de modo pormenorizado qual dos “*certos sintomas de seu problema*”, expressão presente no núcleo precedente, será mantido. Por tratar-se de uma “desgarrada”, esse acréscimo se realiza de modo a focalizar a informação apresentada em “**Tal é o caso do progressivo descaso com a higiene pessoal.**” A predominância da função de adendo nas ocorrências comparativas, comprova que ao produzir seu discurso o autor busca meios para comprovar aquilo que ele afirma. Assim, as “desgarradas” adicionadas agem no sentido de agregar às informações apresentadas no núcleo das sentenças informações que auxiliam no convencimento de seu leitor. É como se o autor utilizasse exemplos comparativos pormenorizados para auxiliar seu leitor na compreensão daquilo que ele afirma:

“Tal é o caso do progressivo descaso com a higiene pessoal.”

“Como Cláudio Manuel das Costas, com as meias, sem vão livre”.

“Como o são as centenas de outros morros, outras vertentes.”

“Como Amy.

“Como se fôssemos sistemas fechados, tal qual computadores, e nossos genes fossem chips.

Em (4) e (6), temos sobreposição de funções, visto que em (4) os elementos “morro” e “vertentes” são retomados da porção nuclear antecedente, mas de modo generalizado por intermédio do uso do plural, acrescentando, assim como se afirma no núcleo, que morros com vertentes são áreas de altíssimo risco para a população, portanto, “**outros morros, outras vertentes**”, também o serão. Em (6), a retomada acontece quando o autor compara os “genes”, citados na porção nuclear, a “chips e o acréscimo de informações ocorre por meio da

comparação que o autor evidencia, no satélite em situação de “desgarramento”, comparando-nos a sistemas fechados, como computadores”.

Desse modo, verificamos que, em todas as estruturas analisadas, foi estabelecida relação retórica de comparação, pois os satélites em situação de “desgarramento” são exemplos comparados a elementos presentes na porção nuclear, as comparações acontecem em função de demonstrar por analogia as semelhanças existentes entre algum elemento presente na porção nuclear e o elemento que é usado com exemplo comparativo no satélite “desgarrado”, contribuindo para aumentar a crença do leitor a respeito do que se afirma no núcleo. Como constatamos no exemplo (4), em que há a comparação entre *um morro, vertentes*, expressão presente na porção nuclear, a **centenas de outros morros, outras vertentes**, presente no satélite, ocorre a fim de ratificar a afirmação de que todos, tanto o morro e as vertentes de Niterói quanto os outros morros e as outras vertentes, são *áreas de altíssimo risco para a população*, asserção feita na porção precedente ao satélite “desgarrado”.

A seguir, apresentamos a tabela demonstrativa 2 das ocorrências comparativas:

COMPARATIVAS			
OCORRÊNCIA	MARCA FORMAL	RST	FUNÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA
(1)	<i>Tal</i>	Comparação	Adendo
(2)	<i>Como</i>	Comparação	Adendo
(3)	<i>Como</i>	Comparação	Adendo
(4)	<i>Como</i>	Comparação	Retomada e Adendo
(5)	<i>Como</i>	Comparação	Adendo
(6)	<i>Como</i>	Comparação	Retomada e Adendo

Tabela 2: das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências.

As “estruturas desgarradas” representantes da hipotaxe adverbial de **concessão** apresentaram-se, nesta pesquisa, como o maior número de ocorrências identificadas, como se verifica a seguir:

1. *O candidato tem que cometer um assassinato ou roubo se quiser entrar para o grupo. **Mesmo se for menor de idade.***
2. *É possível que jogos ultraviolentos acelerem efeitos deletéricos em mentes já muito doentias. Nos outros, usar a máscara da morte é só uma farra. **Mesmo que o fuzil na mão seja para matar gente de verdade.***
3. *Há coisa de até dois anos, a gente não tinha livraria. Você queria um livro, tinha que mandar buscar fora, ou tinha que ir a Recife, ou tinha que usar o Sedex pra receber. Não tinha livraria. Agora não. Agora, felizmente, tem duas. **Embora sejam livrarias que explorem muito a auto-ajuda.***
4. *Jurei que dali para adiante tornaria claro, para as fontes-amigos, que o que falassem, se tivesse interesse público, eu iria meter bala. **Mesmo que tudo tivesse sido colhido na mansuetude duma conversa de boteco.***
5. *“É verdade mesmo que o Senhor é Deus?” Não exatamente. **Embora, para muitos, Prem Baba faça as vezes dele.***
6. *ÉPOCA perguntou aos irmãos Laerte e Walter se haviam conversado com o amigo Lewandowski sobre o assunto. Os dois disseram que não. **Apesar das famílias se frequentarem e os Lula da Silva também serem primos de Lewandowski e de sua irmã.***
7. *Se a pessoa não se divorciou, pode até estar separada, mas, por ter uma união civil reconhecida, não pode legalmente registrar em contrato público uma família paralela. **Mesmo que a relação, correta ou não, seja de amor.***
8. *E hoje, quando as transformações no mercado não o favorecem, acha que o estado lhe deve o favor de bancar seus sonhos. **Mesmo que a cortesia seja feita com chapéu alheio - o de seu público.***
9. *O segredo, diz Mário, é nadar bem relaxado, em ritmo constante. **Mesmo que, no início, isso signifique ir mais devagar.***
10. *Um bom exemplo são as detenções e humilhações vividas pelo Leonardo, quando é surpreendido na consulta ao feiticeiro e mesmo na festa condenável pelo chefe de polícia. **Ainda que as disfarce o efeito humorístico.***
11. *Após estudar fenômenos exóticos da física e deparar com um deus nórdico caído do céu, Jane ajuda-o a reencontrar seu destino. **Mesmo que seu***

destino seja esmigalhar adversários em poucos segundos, para a decepção dos fãs que queriam uma boa luta.

12. *A Bíblia é um manual e um catálogo da vida. Indica o caminho e oferece exemplos. Ensina a viver e conta histórias de gente que aprendeu. **Ainda que também conte as histórias de gente que não aprendeu.***
13. *Quanto maiores os obstáculos, maiores as conquistas, sobretudo aquelas que contribuem para a construção de uma identidade madura e saudável. **Ainda que estes obstáculos originem-se no contexto que, ao contrário, deveria ser facilitador de nosso crescimento e desenvolvimento pessoais.***
14. *Sua soberania, onisciência e sabedoria identificam e promovem a ocasião exata para cada propósito. **Ainda que consideremos, em nossa limitação e ansiedade que está demorando ou perdeu o controle. Deus sempre age no tempo certo e oportuno.***
15. *O passado nunca está realmente morto. **Ainda que esteja adormecido há muito tempo. Uma hora ele decide acordar.***
16. *São ideias avançadas e consolidadas que parecem passar ao largo do PT, mais voltado para o seu projeto de se manter no poder o maior tempo possível. **Mesmo que não tenha um plano definido sobre o que quer para o país e esteja perdido em um caldo ideológico confuso.***
17. *Mas, D. Zilda Arns não era, apenas, um ser humano com semblante e ares místicos no sentido da devoção, da religião, da contemplação e da piedade. **Mesmo que, também, por definição, tudo isso seja fundamental à existência humana. Ela foi além: a sua vida foi marcada pela ação, embora "sem perder a ternura jamais".***
18. *E, convenhamos, uma novela que não vale a pena ver de novo. **Mesmo que com outros personagens e com outros cenários, porque será o mesmo o enredo.***
19. *Estudos realizados em países avançados da Europa, e também dos Estados Unidos, revelaram que os índices de participação feminina no campo da pesquisa nas ciências exatas e da natureza continuavam a ser, muitas vezes, bastante baixos no início do Século XXI. **Apesar de esforços terem sido empreendidos no sentido de ampliar essa participação.***
20. *Por outro lado, as escolas oferecem pouca ou nenhuma informação sobre em que consiste a atividade científica, sobre a especificidade de cada uma das carreiras. **Apesar de existirem, em muitas escolas, orientadores pedagógicos e ordenadores de área científica.***

Das 20 (vinte) ocorrências, 9 (nove) apresentaram como marca formal a locução conjuntiva “*Mesmo que*”; 5 (cinco), a locução conjuntiva “*Ainda que*”; 3 (três), o “*Apesar de*”: (2) duas, a conjunção “*Embora*”; e uma, “*Mesmo se*”.

Em relação à função textual-discursiva desempenhada por essas ocorrências, esclarecemos que todas as orações concessivas em situação de “desgarramento” exercem função de adendo/*afterthought*. Desse modo, o satélite “desgarrado” teve importante função na argumentação do autor, no sentido de acrescentar argumentos ao discurso em questão. Para exemplificar essa afirmação, utilizamos o exemplo (1), no qual o acréscimo da “desgarrada” “***Mesmo se for menor de idade***” agrega ao núcleo “*O candidato tem que cometer um assassinato ou roubo se quiser entrar para o grupo.*” uma informação relevante para o nível de argumentação do discurso. Esse acréscimo por meio do uso do satélite em “desgarramento” comprova o destaque que o autor pretende conferir à informação acrescentada, assim como ocorre nos demais exemplos. Entretanto, em (7), (10), (11), (13) e (17), à função de adendo sobrepõem-se a função de retomada, como verificamos em (7), em que o termo “***relação***”, presente na estrutura desgarrada “***Mesmo que a relação, correta ou não, seja de amor***”, retoma por referência anafórica o termo antecedente “*família paralela*”, presente no núcleo “*Se a pessoa não se divorciou, pode até estar separada, mas, por ter uma união civil reconhecida, não pode legalmente registrar em contrato público uma família paralela*”.

Outra sobreposição de funções, a de adendo e de ponte de transição, foi detectada nos exemplos (14) e (15), adendo no sentido de acrescentar informação por meio do “desgarramento”, que, de acordo com as intenções do produtor do texto, merece destaque; e ponte de transição no sentido de servir como um elo ao realizar a ligação entre uma porção e outra do texto, estabelecendo conexão anafórica e catafórica simultaneamente. Para comprovação apresentamos a ocorrência (15), em que a estrutura desgarrada “***Ainda que esteja adormecido há muito tempo***” reformula a partir do contraste a afirmação realizada na porção inicial do enunciado “*O passado nunca está realmente morto.*” enriquecendo o poder argumentativo da porção textual, ao mesmo que, também, faz a projeção concessiva para a porção subsequente “*Uma hora ele decide acordar.*”

A respeito das relações retóricas estabelecidas pelas ocorrências concessivas em análise, verificou-se que, quanto à natureza, as relações são sobre a apresentação, e todas as relações retóricas estabelecidas entre as estruturas desgarradas e as porções textuais às quais se ligam são a de concessão. Isso porque, apesar de haver uma aparente incompatibilidade entre o núcleo e o satélite, como é o caso do exemplo (18): “*E, convenhamos, uma novela que não vale a pena ver de novo. **Mesmo que com outros personagens e com outros cenários, porque será o mesmo o enredo.***”, há também fatores de compatibilidade, no caso a expressão “*porque será o mesmo o enredo*”, que confirma a afirmação realizada na porção nuclear de que é uma “*novela que não vale a pena ver de novo*”. O reconhecimento dessa compatibilidade presente no satélite em destaque exerce a função de aumentar a atitude positiva do leitor em relação à afirmação feita no núcleo, fato que ocorre nos outros 19 (dezenove) exemplos de concessivas.

As ocorrências (14) e (15) merecem destaque, pois ao analisá-las detectamos que o satélite “desgarrado” estabelece relação retórica de concessão tanto com a porção antecedente quanto com a porção subsequente a qual se liga. Nesses casos, foi necessário, fazermos dois diagramas diferentes para realizarmos a análise a respeito das relações retóricas:

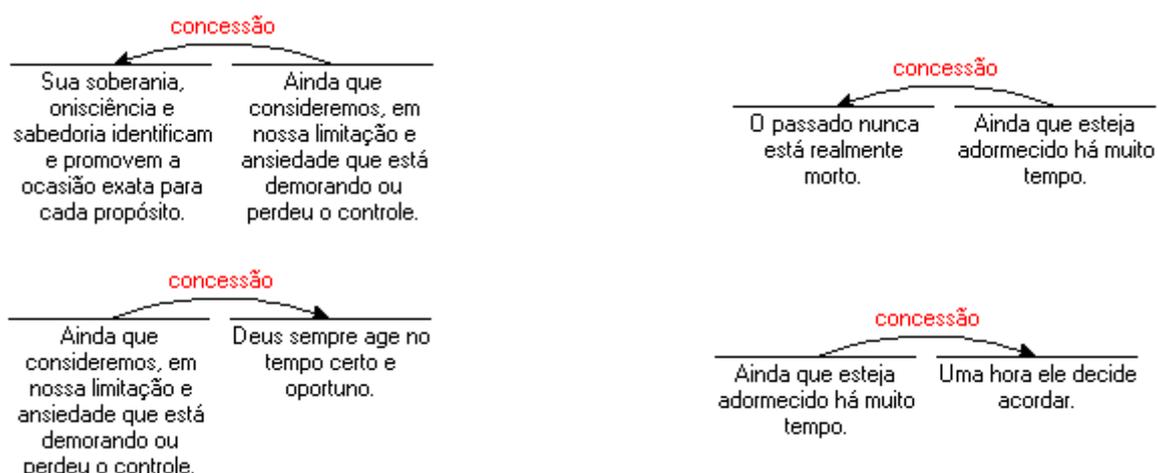


Fig. 9: diagramas RST

A realização de dois diagramas arbóreos foi necessária pelo fato do programa RSTTool não permitir que um mesmo satélite estabeleça relação com

dois núcleos diferentes. A singularidade dessas ocorrências nos mostra a habilidade do seu produtor em utilizar a língua de acordo com os seus propósitos. A informação veiculada pelo satélite desgarrado tem tamanha importância aos objetivos comunicativos pretendidos que, além de deixá-la em evidência pelo uso do “desgarramento”, o autor do texto utiliza-se a estratégia de introduzir uma ressalva por meio da concessão às porções que a circundam.

Na tabela demonstrativa 3, apresentamos o resultado das análises das **concessivas**:

CONCESSIVAS			
OCORRÊNCIA	MARCA FORMAL	RST	FUNÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA
(1)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Adendo
(2)	<i>Mesmo se</i>	Concessão	Adendo
(3)	<i>Embora</i>	Concessão	Adendo
(4)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Adendo
(5)	<i>Embora</i>	Concessão	Adendo
(6)	<i>Apesar de</i>	Concessão	Adendo
(7)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Retomada e adendo
(8)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Adendo
(9)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Adendo
(10)	<i>Ainda que</i>	Concessão	Retomada e adendo
(11)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Retomada e adendo
(12)	<i>Ainda que</i>	Concessão	Adendo
(13)	<i>Ainda que</i>	Concessão	Retomada e adendo
(14)	<i>Ainda que</i>	Concessão	Ponte de transição e adendo
(15)	<i>Ainda que</i>	Concessão	Ponte de transição e adendo
(16)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Adendo

(17)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Retomada e adendo
(18)	<i>Mesmo que</i>	Concessão	Adendo
(19)	<i>Apesar de</i>	Concessão	Adendo
(20)	<i>Apesar de</i>	Concessão	Adendo

Tabela 3: das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências.

No decorrer da pesquisa, foram encontradas 3 (três) ocorrências de “desgarradas” representantes da hipotaxe adverbial de **condição**:

1. *Pimenta tem que ser frescos... O condimento faz mal? Não. **A menos que você seja sensível a ele.***
2. *Cores, texturas, brilho e salto de várias alturas. Tudo pode. **Desde que o visual fique equilibrado e o sapato não apareça mais que o desempenho de quem o calça.***
3. *É PERMITIDO ROUBAR. **Desde que isso seja feito antes do início do mandato parlamentar, segundo entendimento dos deputados.***

Dessas, 2 (duas) apresentaram a marca formal “*Desde que*” e uma “*A menos que*”. Quanto à função textual-discursiva desempenhada por essas ocorrências, identificamos, em toda a função de adendo, visto que o satélite, em situação de “desgarramento”, apresenta um adendo restritivo em relação à afirmação realizada na porção textual precedente, agindo como reparador dessa afirmação, todas as ocorrências se apresentam em posposição em referência à porção nuclear com a qual se relaciona, evidenciando a intenção de conferir maior destaque/ênfase ao satélite por meio da focalização, apresentando-o na forma de “estrutura desgarrada”. Ou seja, o produtor do texto julga que a informação reparadora acrescida ao discurso é relevante para seus propósitos comunicativos e, na busca de suas intenções comunicativas, lança mão da estratégia do “desgarramento” como recurso de realce a fim de atingir uma melhor interpretação por parte de seu destinatário.

Como exemplo da função de adendo, citamos a ocorrência (3), em que na porção nuclear encontramos a seguinte afirmação: “*Cores, texturas, brilho e salto*

de várias alturas. *Tudo pode.*”, para a qual o autor insere uma condição: “**Desde que o visual fique equilibrado e o sapato não apareça mais que o desempenho de quem o calça**”, reparando a afirmação “*Tudo pode*”, por meio de um adendo restritivo que se encontra em situação de focalização, alcançada pelo uso do mecanismo de “desgarramento”. No que tange às relações retóricas estabelecidas entre as “desgarradas” e a porção nuclear com a qual se relaciona, temos em (2) e (3) a relação de condição e em (1) a relação de condição inversa, todas as relações de conteúdo. Analisamos como condição inversa o exemplo (1), porque o leitor, a partir da leitura do satélite “**A menos que você seja sensível a ele.**”, reconhece que a afirmação feita no núcleo “*Pimenta tem que ser fresco... O condimento faz mal? Não*” só se realiza se o satélite não se realizar, ou seja, **você não ser sensível ao condimento**. Por outro lado, nos exemplos (2) e (3), a realização do núcleo depende da realização do satélite. Assim, a afirmação presente em (3): “**É PERMITIDO ROUBAR.**” se realiza “**Desde que [o roubo] seja feito antes do início do mandato parlamentar, segundo entendimento dos deputados.**”, ou seja, desde que o satélite se realize também, fato que também ocorre em (2).

A tabela 4 ilustra os resultados obtidos nas análises das **condicionais**:

CONDICIONAIS			
OCORRÊNCIA	MARCA FORMAL	RST	FUNÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA
(1)	<i>A menos que</i>	Condição inversa	Adendo
(2)	<i>Desde que</i>	Condição	Adendo
(3)	<i>Desde que</i>	Condição	Adendo

Tabela 4: das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências.

Durante a pesquisa, foi encontrada apenas uma ocorrência representante da hipotaxe adverbial **final**:

1. *Você sabe, Cristina, que só é lindo dar à luz porque nos dão caldo de galinha. Por isso as mulheres ficam grávidas a cada ano. **Para tomar caldo de galinha pelo menos uma vez.***

Na “estrutura desgarrada” em destaque, ocorre a função de retomada e , visto que o autor retoma a expressão “*caldo de galinha*”, presente na sentença nuclear do enunciado “*Você sabe, Cristina, que só é lindo dar à luz porque nos dão caldo de galinha*”, e que, também, é retomada pelo pronome demonstrativo “*isso*” na sentença “*Por isso as mulheres ficam grávidas a cada ano.*”, a qual se apresenta como núcleo direto do satélite: “***Para tomar caldo de galinha pelo menos uma vez.***” que se encontra em situação de “desgarramento” para atender aos objetivos comunicativos do usuário da língua, que pretende destacar e dar ênfase a essa informação por intermédio da focalização.

A respeito da proposição relacional estabelecida pelo satélite “desgarrado”, observamos que se trata, quanto à natureza, de uma relação sobre o conteúdo, que apresenta a relação retórica de propósito, pois o propósito de para as mulheres ficarem “*grávidas a cada ano*” é a ação presente no satélite: “***Para tomar caldo de galinha pelo menos uma vez.***”.

A seguir apresentamos a tabela demonstrativa 5 da hipotaxe adverbial de finalidade:

FINAL			
OCORRÊNCIA	MARCA FORMAL	RST	FUNÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA
(1)	<i>Para</i>	Propósito	Retomada

Tabela 5: das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências.

Foram identificadas, no decorrer da pesquisa, 12 (doze) ocorrências da hipotaxe adverbial de **tempo**:

1. *Sua obra consistia em remixes malfeitos de dance music dos anos 1990. **Até que tudo mudou.** Sem motivo aparente, Denver começou a bombar - e ele entrou na parada de sucessos da loja virtual iTunes.*

2. Clark é o diretor-médico da missão, e tem um retrospecto invejável: trabalhou na Nasa como consultor médico para as viagens do ônibus espacial. **Até que, em 2003, algo terrível aconteceu.** Quando o ônibus espacial Columbia estava reentrando na atmosfera terrestre, uma de suas asas arrebentou.
3. Aos poucos, Taylor foi ficando violento. **Até que sua mulher e as pessoas mais próximas concluíram que ele estava possuído.**
4. Com o advento do cristianismo, a distinção entre magia branca e magia negra foi deixando de ser feita e tudo passou a ser visto como obra do demônio. **Até que, no século 15, a Igreja decidiu declarar hereges aqueles que praticassem – ou fossem suspeitos de praticar – qualquer tipo de magia.**
5. Primeiro veio a apropriação de reservas do Banco Central argentino para pagar dívidas. Depois, a proposta de reorganizar o futebol nacional e a tentativa de controlar a imprensa, até por meio da produção de papel-jornal. De fora, os arroubos populistas da presidente Cristina Kirchner pareciam apenas fanfarrônicas sem grandes consequências. **Até que a líder peronista decidiu nacionalizar a petroleira YPF.**
6. Bem, vejamos: formigas caem de plantas e voltam a subi-las, como Sísifo. Aham que cumprem suas vontades. **Até que caem no chão e carneiros as devoram.**
7. São Paulo é caótica e poluída. Nela predomina o cinza-concreto. Seus moradores correm atarefados ou trafegam lentamente por engarrafamentos. **Até que cai a noite, e os paulistanos abraçam seu mais valioso prazer: sair para comer, beber, ouvir música e dançar.**
8. Técnicos americanos insistiam em incluir algumas salvaguardas ambientais e trabalhistas no documento. O Brasil não topava. **Até que Michael Froman, acessor econômico de Obama, entrou em campo e mediou os confitos entre as partes.**
9. Eu pensava que crack era coisa só da periferia. **Até que aconteceu na minha casa.**
10. Em 2011, foi contratado pela Lotus Renault como terceiro piloto. “O importante era estar dentro.” **Até que chegou à Williams este ano.**
11. O “novo idioma” surgiu dois anos depois da posse de FHC. **Quando começaram as declarações.** Por exemplo: aumento era reposição tarifada

(risos), que é a linguagem dos democratas dos Estados Unidos, que também fazem isso.

Dessas 11 (ocorrências), 10 (dez) apresentam como marca formal a locução conjuntiva “*Até que*” e apenas 1 (uma) a conjunção “*quando*”. Em relação às funções textual-discursivas, identificamos a função de guia em (1), (2) e (11). Nesses exemplos, as ocorrências que são focalizadas pelo “desgarramento” colocam em evidência um caminho de orientação para o leitor, que servirá como guia para as novas informações a serem apresentadas, fato que pode ser verificado na ocorrência número (1), em que a “desgarrada” “**Até que tudo mudou.**” recebe destaque e ênfase por meio do mecanismo de “desgarramento”, com a intenção de criar uma expectativa no leitor/destinatário; prestando-se a organizar o fluxo informacional do discurso, projetando-o para a informação subsequente: “*Sem motivo aparente, Denver começou a bombar - e ele entrou na parada de sucessos da loja virtual iTunes.*”

Quanto às demais ocorrências, a função identificada é a de adendo, visto que se verifica o acréscimo de informações novas e relevantes para as pretensões discursivas do produtor do texto, como comprovamos no exemplo (3) em que a “desgarrada” **Até que sua mulher e as pessoas mais próximas concluíram que ele estava possuído** contextualiza o leitor com uma informação até então não apresentada no sentido de facilitar sua compreensão da causa de Taylor estar *ficando violento*. No caso das ocorrências que possuem marca formal de tempo, todas as informações acrescidas em forma de adendo aos respectivos núcleos por meio das “desgarradas” trazem ao plano discursivo informações novas e relevantes para a compreensão da situação apresentada nos núcleos, facilitando ao leitor a contextualização do assunto abordado.

A respeito das relações retóricas estabelecidas, verificamos que, em todas as ocorrências, a relação estabelecida foi a de circunstância, um tipo de relação que, quanto às funções globais, age sobre o assunto que tem por finalidade que o leitor reconheça as relações estabelecidas entre núcleo e satélite. Consideramos que as relações estabelecidas pelas “desgarradas” que apresentaram marca formal de tempo, como já dito anteriormente, são definidoras de um contexto a respeito do assunto apresentado no núcleo, essa opção por

apresentar tal contextualização por meio do “desgarramento” mostra que, para o autor do texto, há a necessidade de enfatizar as situações apresentadas devido ao fato delas serem relevantes ao conhecimento e à compreensão do leitor para melhor interpretar o conteúdo veiculado na porção nuclear do texto. Pode-se comprovar tal ênfase no exemplo (5) Em que há inicialmente a apresentação de uma sequência de eventos: *Primeiro veio a apropriação de reservas do Banco Central argentino para pagar dívidas. Depois, a proposta de reorganizar o futebol nacional e a tentativa de controlar a imprensa, até por meio da produção de papel-jornal* que servem de fundo para a afirmação apresentada no núcleo da porção textual *De fora, os arroubos populistas da presidente Cristina Kirchner pareciam apenas fanfarronices sem grandes conseqüências* e, posteriormente, é acrescida uma nova informação contextual a partir do uso de uma “desgarrada” **Até que a líder peronista decidiu nacionalizar a petroleira YPF** que veicula uma informação de relevante importância para a interpretação da porção nuclear, visto que a decisão de **nacionalizar a petroleira YPF** demonstra que os *arroubos populistas de Kirchner* apenas *pareciam fanfarronices sem grandes conseqüências*, mas não eram, pois a nacionalização da petroleira trouxe sérias conseqüências para a Argentina.

A tabela 6 ilustra os resultados obtidos nas análises das temporais:

TEMPORAIS			
OCORRÊNCIA	MARCA FORMAL	RST	FUNÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA
(1)	<i>Até que</i>	Circunstância	Guia
(2)	<i>Até que</i>	Circunstância	Guia
(3)	<i>Até que</i>	Circunstância	Adendo
(4)	<i>Até que</i>	Circunstância	Adendo
(5)	<i>Até que</i>	Circunstância	Adendo
(6)	<i>Até que</i>	Circunstância	Adendo
(7)	<i>Até que</i>	Circunstância	Adendo
(8)	<i>Até que</i>	Circunstância	Adendo

(9)	<i>Até que</i>	Circunstância	Adendo
(10)	<i>Até que</i>	Circunstância	Adendo
(11)	<i>Quando</i>	Circunstância	Guia

Tabela 6: das marcas formais, relações retóricas estabelecidas e funções textual-discursivas desempenhadas pelas ocorrências.

Os resultados percentuais das análises realizadas nas 51 ocorrências de “estrutura desgarradas”, quanto às relações retóricas estabelecidas, podem ser visualizados na tabela 7.

Resultados		
Relação retórica	N	Valores percentuais % aproximados
Justificativa	5	9,80
Causa volitiva	3	5,88
Causa não-volitiva	1	1,96
Motivação	1	1,96
Concessão	20	39,21
Condição	2	3,92
Condição inversa	1	1,96
Propósito	1	1,96
Circunstância	11	21,56
Comparação	6	11,76
	51	100%

Tabela 7: dos resultados das relações retóricas

Os resultados percentuais das análises realizadas nas 51 ocorrências de “estrutura desgarradas”, quanto às funções textual-discursivas desempenhadas, pode ser visualizado na tabela a seguir:

Funções textual-discursivas	N	Valores percentuais % aproximados
Adendo	37	72,55
Adendo e guia	1	1,96
Guia	3	5,88
Adendo e Ponte de transição	2	3,92

Adendo e Retomada	7	13,72
Retomada	1	1,96
	51	100%

Tabela 8: dos resultados das funções textual-discursivas.

Considerações finais

A investigação analítica desenvolvida no presente trabalho, pautada nos estudos funcionalistas, possibilitou-nos selecionar e analisar 51 ocorrências denominadas por Decat (2011) de “estruturas desgarradas”. A princípio, nossa intenção era encontrar, ao menos, uma ocorrência representante de cada uma das orações hipotáticas adverbiais, mas isso não ocorreu, o que não significa que não sejam empregadas em condição de “desgarramento”.

Com relação às hipóteses levantadas na introdução desse trabalho, constatamos que o fato das “desgarradas” configurarem sentenças não contempladas pela GT não as impedem de cumprir de modo eficaz os objetivos pretendidos pelo usuário da língua, o que se comprova pelo fato de tais estruturas apresentarem-se como eficientes estratégias focalizadoras nas ocorrências investigadas, agindo no sentido de aumentar o poder argumentativo pretendido pelo autor dos textos analisados.

Constatamos, também, que as ocorrências analisadas agem como atos discursivos completos, ou unidades informacionais à parte, assim como proposto por Chafe (1980), visto que a atuação de tais estruturas como adjuntos que acrescentam novas informações ao discurso conferem às “desgarradas” um status de independência por não estarem integradas estruturalmente ao núcleo com o qual se relacionam, constituindo uma opção organizacional do discurso eleita pelo usuário da língua na construção de seu discurso.

Em relação aos objetivos específicos pretendidos no desenvolvimento dessa pesquisa, a análise demonstrou que, quanto às funções textual-discursivas, as “estruturas desgarradas” agem principalmente como adendos, pois, além de se apresentar na maioria das ocorrências, a função de adendo também foi recorrente quando houve sobreposição de funções, na qual ela atuou ao lado de outras funções como guia, ponte de transição e retomada; sendo a junção da função de retomada e adendo a segunda maior atuação das “desgarradas”. Nesse caso, as desgarradas desempenharam, em conjunto, a função de acrescentar informações novas relevantes à força argumentativa da construção em que atuaram e a função de retomar anaforicamente elementos essenciais à interpretação. A função de guia foi detectada em quatro ocorrências, sendo que em uma delas houve a

sobreposição com a função de adendo. Como guia as “desgarradas” agiram direcionando o fluxo informacional do discurso, assim como propõe Chafe (1984), sinalizando um caminho de orientação para as informações seguintes ao *guidepost*. Ao atuarem com a função de ponte de transição as estruturas analisadas apresentaram, também, a sobreposição à função de adendo, e agiram acrescentando informações inéditas ao discurso, além de servir de elo conectivo estabelecendo conexão anafórica e catafórica simultaneamente, caso ocorrido nos exemplos (14) e (15) das concessivas.

Os exemplos citados merecem destaque, pois, ao serem analisados quanto às relações retóricas, constatou-se que o satélite “desgarrado” presente nessas ocorrências estabeleceu dupla relação de concessão, agindo como satélite da porção nuclear precedente e da porção nuclear subsequente a ele. O caso em questão é relevante por demonstrar a dinamicidade da língua que possibilita ao usuário utilizar-se dos recursos que ela oferece para adequar o seu discurso conforme suas intenções. Nessa situação, o autor conscientemente utilizou de uma ocorrência “desgarrada” para dar ênfase a uma informação contrastiva relevante à argumentação pretendida, e que foi usada como satélite dos dois núcleos que a circundam. Referente, ainda, às relações de concessão, que representou o maior número de relações retóricas estabelecidas, destacamos que o caráter contrastivo e avaliativo presente nesse tipo de construção fazem com que elas ajam no sentido de veicular informação relevante às intenções comunicativas do produtor do discurso.

A relação de circunstância representou o segundo maior número de relações encontradas e mostrou-se eficaz na função de apresentar uma contextualização capaz de proporcionar uma melhor compreensão do conteúdo veiculado pela porção nuclear com a qual estabeleceram relação. As relações de justificativa, causa volitiva, causa não volitiva e motivação, contribuíram na construção dos enunciados para o enriquecimento argumentativo, visto que essas relações acrescentaram informações relevantes ao núcleo com o qual se relacionaram. No caso da justificativa, a relação estabelecida contribuiu para o leitor aceitar o que fora apresentado no núcleo. Na relação de causa-volitiva, constatamos que o satélite foi a causa da ação ou situação voluntária apresentada na porção nuclear com o qual foi estabelecida relação, já na causa-

não volitiva, embora o satélite também tenha causado a ação, essa não ocorreu voluntariamente.

Quanto à relação de motivação, a informação veiculada pelo satélite “desgarrado” age no sentido de motivar o leitor a praticar a ação sugerida na porção nuclear. As relações de comparação investigadas pela presente pesquisa apresentaram-se eficientes em aumentar a crença do leitor sobre o que se afirma no núcleo, por meio da comparação entre elementos presentes na “desgarrada” e elementos do núcleo. No que diz respeito às relações de condição e condição inversa, as primeiras têm no satélite “desgarrado” a condição para que a ação presente no núcleo se realize, já no caso da relação de condição inversa, a realização do núcleo depende da não realização do satélite. E, finalmente, a respeito da única relação de propósito selecionada durante a pesquisa, consideramos relevante a sua ação no sentido de levar o leitor a reconhecer que a ação proposta no núcleo é iniciada para que se realize a situação proposta no satélite em situação de “desgarramento”.

Ao observar as funções textual-discursivas e as relações retóricas estabelecidas pelas “estruturas desgarradas” analisadas, confirma-se a relevante atuação dessas ocorrências e a necessidade da aceitação de seu uso como mecanismo de grande poder argumentativo, o qual é capaz de apresentar ao interlocutor uma informação de destaque na sentença elaborada a partir da estratégia de focalização e, conseqüentemente, aprimorar a argumentação central aos propósitos do produtor do texto.

Portanto, ao término desta pesquisa, confirmamos a necessidade de contemplarmos a língua como um instrumento de comunicação dinâmico que sofre pressões externas de ordem pragmática, o que propicia constantemente a construção de novas estratégias linguísticas que devem ser reconhecidas como mecanismos que agem eficientemente no universo sociocomunicativo, proporcionando ao falante possibilidades irrestritas de melhor alcance de seus intuítos comunicativos no intercâmbio social.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, J.D. Estrutura retórica e combinação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português brasileiro. In: ANTONIO, Juliano Desiderato (org.) **Estudos descritivos do português: história, uso e variação**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

ANTONIO, J.D. A relação entre tipo de predicado e tipo de oração em narrativas orais e em narrativas escritas do português. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences Maringá, v. 26, no. 1, p. 89-94, 2004. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/1562/916> Acesso em 27 de dez. 2012.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO A.T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE W.L., *How People Use Adverbial Clauses*. IN: **Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, pp. 437-449. Disponível em <http://linguistics.berkeley.edu/bls/> , 1984.

CHAFE, W.L. **The deployment of consciousness in the production of a narrative**. IN: CHAFE, W.L. (ed.) *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

COSTA, M.A. Estruturalismo, In: Martelotta, Mario Eduardo (org) **Manual de Lingüística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2001.

CUNHA, M.A.F. *et al.* **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DECAT, Maria Beatriz N. **Leite com manga, morre!: Da hipotaxe adverbial no português em uso**. 1993. Tese (Doutorado), PUC, São Paulo, 1993.

_____. **Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da “unidade informacional”**. Scripta (Linguística e Filologia), v.2, n. 4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem., p. 23-38, 1999.

_____. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: M.B.N. DECAT; M.E .F. SARAIVA; V.O. BITTENCOURT; Y.G. LIBERATO (Eds.), **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas, Mercado de Letras, p. 103-166. (Coleção Ideia sobre linguagem), 2001.

_____. Orações relativas apositivas: SNs 'soltos' como estratégia de focalização e argumentação. **Veredas**, (*Conexão de orações*), 8(1-2): 79-101, 2010.

_____. **Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso**. *Calidoscópico*, v. 8, n. 3, p. 167-173, 2010.

_____. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas – SP: Pontes Editores, 2011.

FONTAINE, J. **O círculo lingüístico de Praga**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FRIES, P.H. *On theme, rheme and discourse goals*. IN: M. COULTHARD (ed.) **Advances in written text analysis**. Routledge, 1994.

DIK, Simon. **The theory of functional grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.

DIRVEN R.; FRIED V. **Functionalism in Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia. Eds. 1987.

GARCIA, M. O. **Comunicação em Prosa Moderna**. 21. ed. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 2002.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. **Syntax : An introduction V. II**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GÓIS, Carlos. **Método de análise (léxica e lógica) ou sintaxe das relações**. 20.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955, 192 p.

GONÇALVES, C.A. **Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas**. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.31-50, jan./jun. 1998.

HAIMAN, J. **Iconic and Economic Motivation**. *Language*, n.59, V.4, p.781-819, 1983.

HALLIDAY, M.A.K. **The functional basis of language**. In: B. Bernstein. Ed. *Class, codes and control*. London: Routledge & Kegan Paul, 1973.

_____. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: E. Arnold, 1985.

HALLIDAY, M/A.K.; HASAN R. **Cohesion in English**. Londres, Longman, 1976.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOYOS-ANDRADE, R.E. Funcionalismo vs. Gerativismo: algumas reflexões de epistemologia lingüística. In: *Alfa*, 26: 25-33, 1982.

ILARI, R. O Estruturalismo Lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (orgs) **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

KATO, M. **O aprendizado da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KOCH, I.G.V. **A coesão textual**. 20. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do Texto**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. 4ª ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1981

MANN, W.C., TABOADA, M. **Introdução à Teoria da Estrutura Retórica**. Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>.

MANN, W.C.; TABOADA, M. **RST Web Site**. 2010. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/01intro/definitions.html>>.

MANN W.C.; THOMPSON, S.A. **Relational proposition in discourse**. California: University of Southern, 1983, 28 p. (ISI/RR-83-115).

MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. **Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization**. Text 8(3.): 243-281, 1988.

MARCUSCHI, L.A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCK, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: contexto, 2005.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. G. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 17-28.

MARTINET, A. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? In: **ALFA**, v. 38, p. 11-18, 1994.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S.A. *The Structure of Discourse and 'subordination'*. IN: HAIMAN, Jhon; THOMPSON Sandra A. (eds). **Clause Combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988 p. 275-329.

MATTHIESSEN, C.; HALLIDAY, M. A. K. **Systemic Functional Grammar: A First Step into the Theory**, 1997. Disponível em: <http://www.alvinleong.info/sfg/sfgintro.html>

NEVES, M.H.de M. **Uma visão geral da gramática funcional**. Alfa, São Paulo, v. 38. p.109-127. 1994.

_____. As construções concessivas. In. M.H. de M. NEVES (org), **Gramática do Português Falado**. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 545-591. (Vol. VII – Novos Estudos).

_____. **Texto e Gramática**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Gramática de usos do português**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, M.R. de. **Estabilidade e variação da sintaxe adjetiva**. II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, 2001.

PERINI, M. A. **Sintaxe: metodologia e funções**. São Paulo: Ática, 1989.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (orgs). **Introdução à Linguística – Fundamentos Epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

RODRIGUES, V.V. Correlação. In: VIEIRA, S.R; BRANDÃO, S. F.(orgs.). **Ensino de Gramática: Descrição e Uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **Cours de linguistique générale: édition critique préparée par Tullio de Mauro**. Paris: Payot, 1972.

SOUZA, E.S.de A.C. de; **Como os livros didáticos abordam as cláusulas relativas**. In: RODRIGUES, V.V. (org.). **Articulação de Orações: Pesquisa e Ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

TABOADA, M. *Implicit and explicit coherence relations*. In RENKEMA, J. (Ed.) **Discourse, of course**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. P. 127-140.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. 2nd edition. New York: E. Arnold, 1996.

VOTRE, S; OLIVEIRA, M.R.de. **Estratégias discursivas e gramaticais do uso da adjetiva**. IN: Caderno de Letras da UFF, no.26 – Letras Clássicas e Vernáculas. Niterói: Instituto de Letras da UFF, 2004 (p.111-129).

ANEXO A – DEFINIÇÃO DAS RELAÇÕES

Definição das relações de acordo com sua natureza

Definições das relações de apresentação			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Antítese	Em N: A tem atitude positiva em face de N	N e S estão em contraste (cf. a relação de Contraste); devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N	A atitude positiva do L em face de N aumenta
Concessão	Em N: A possui atitude positiva em face de N em S: A não afirma que S não está certo	A reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta a atitude positiva de L em face de N	A atitude positiva de L em face de N aumenta
Elaboração	Em N: apresenta uma ação de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a ação em N	A potencial capacidade de L para executar a ação em N aumenta
Evidência	Em N: L pode não acreditar em N a um nível considerado por A como sendo satisfatório em S: L acredita em S ou considera-o credível	A compreensão de S por L aumenta a crença de L em N	A crença de L em N aumenta
Fundo	Em N: L não compreende integralmente N antes de ler o texto de S	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N	A capacidade de L para compreender N aumenta
Justificação	Nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N	A tendência de L para aceitar o direito de A a apresentar N aumenta
Motivação	Em N: N é uma ação em que L é o ator (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a ação em N	A vontade de L para executar a ação em N aumenta
Preparação	Nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N
Reformulação	Nenhuma	em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objetivos de A do que S	L reconhece S como reformulação
Resumo	Em N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N

(fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>)

Definições das relações de conteúdo			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Alternativa (anti-condicional)	Em N: N representa uma situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada	Realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	Nenhuma	Em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído
Causa involuntária	Em N: N não representa uma ação voluntária	S, por outras razões que não uma ação voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N
Causa voluntária	Em N: N constitui uma ação voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma ação voluntária	S poderia ter levado o agente da ação voluntária em N a realizar essa ação; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a ação foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objetivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como a causa da ação voluntária em N
Circunstância	Em S: S não se encontra não realizado	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N	L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N
Condição	Em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	Nenhuma	S afeta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	Nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo conjunto: membro abstração: exemplo todo: parte processo: passo objeto: atributo generalização: especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	Em S: S poderia afetar a realização de N	N não depende de S	L reconhece que N não depende de S
Interpretação	Nenhum	Em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram diretamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N
Método	Em N: uma atividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N
Propósito	Em N: N é uma atividade; em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da atividade de N	L reconhece que a atividade em N se inicia para realizar S
Resultado involuntário	Em S: S não representa uma ação voluntária	N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece que N poderia ter causado a situação em S
Resultado voluntário	Em S: S constitui uma situação ou ação voluntária possivelmente resultante de uma ação voluntária	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da ação ou situação em S

Solução	Em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S
---------	-------------------------------	--	---

(fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>)

Definições das relações multi-nucleares		
Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Conjunção	Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitada(s) pela comparação realizada
Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	nenhuma	Nenhuma
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação multi-nuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objetivos de A	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos

(fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>)

ANEXO B –
TABELA DE OCORRÊNCIAS COM RESPECTIVAS FONTES

FONTE	CAPA	TÍTULO DA MATÉRIA	AUTOR/TEXTO/ EDIÇÃO/ REPORTAGEM	MARCA FORMAL	OCORRÊNCIA
Revista Superinteressante – Editora Abril, Edição 307 – Agosto de 2012, pág. 46	SORTE – Você pode controlar a sua	RESPOSTA – E se... o Big Bang não tivesse acontecido?	Texto: Raphael Soeiro	CAUSAL	Afinal, o Big Bang é a principal e mais aceita, mas não é a única teoria a respeito da criação. Porque ela tem algumas lacunas.
Revista Superinteressante – Editora Abril, Edição 312 – Dezembro de 2012, pág. 50	Jesus – A verdade por trás do mito	E se... Soubéssemos quando vamos morrer?	Texto: Raphael Soeiro	CAUSAL	Assim, Breno tem mais condições de planejar sua vida, os lugares que deseja conhecer, as experiências que quer ter. Porque ele sabe que não vai morrer hoje nem amanhã.
Presidência da República do Brasil - Mensagem ao Congresso Nacional – 2013, pág. 21	http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/mensagem-em-ao-congresso-nacional-2013-2	-	Apresentação: Dilma Rousseff – Presidenta da República	CAUSAL	O Brasil vem se tornando um país melhor, mais próspero e cada vez mais justo, porque reuniu vontade política para enfrentar seus problemas econômicos e sociais. Porque decidiu de forma democrática e soberana traçar seu próprio caminho. Porque tomou decisões políticas corajosas, como a de resgatar da miséria todos os seus cidadãos.
Revista Superinteressante – Editora Abril, Edição 307 – Agosto de 2012, pág. 56	SORTE – Você pode controlar a sua	O Homem que caiu do céu	Texto: Pieter Zalis e Bruno Garattoni	CAUSAL	Felix já fez mais de 4 200 saltos, e só se machucou uma vez: quebrou a perna ao saltar do viaduto Eisentranten na Áustria, em 1996. Agora, se prepara para bater o maior de todos os recordes. Porque, sim, este recorde já existe. Em agosto de 1960, o americano Joe Kittinger sentiu na pele o que é cair em queda livre da estratosfera: protegido com capacete e traje pressurizado, saltou de 31 333 metros de altura.
LIVRO: No país da piada pronta – Editora do Bispo – Ano 2007, pág. 38.	http://www.editoradobispo.com.br/editora.php	-	Por José Simão	CAUSAL	Na verdade, tudo isso é cultura pop, o teu olhar é pop! Mas é um olhar que não é “culto”, não é o pop dos Jardins, mas um pop brasileiro, como o Andy Warhol era em relação aos EUA...É por isso que o FHC lê e o cara lá do Tocantins lê. Porque o pop atinge a todos.
LIVRO: Vozes da Democracia - Histórias da Comunicação na Redemocratização do Brasil pela Intervozes – INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social – Imprensa Oficial, pág. 23.	http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=46384	-	INTERVOZES	CAUSAL	O Intervozes reivindica para si filiação nessa história. Porque nos sentimos filhos desse País em construção.

LIVRO: Vozes da Democracia - Histórias da Comunicação na Redemocratização do Brasil pela Intervozes – INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social – Imprensa Oficial, pág. 165.	http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObr aForm.do?select_ action=&co_obra=46384	-	INTERVOZES	CAUSAL	Tínhamos alguns conflitos com o pessoal dentro da redação. Tínhamos conflito com o pessoal do Partido dos Trabalhadores (PT). Porque o pessoal do PT queria fazer um jornal partidário.
LIVRO: Vozes da Democracia - Histórias da Comunicação na Redemocratização do Brasil pela Intervozes – INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social – Imprensa Oficial, pág. 293.	http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObr aForm.do?select_ action=&co_obra=46384	-	INTERVOZES	CAUSAL	A censura política, do Estado, é uma abominação. Mas a censura econômica, que leva à auto-censura, pode ser mais letal. Porque ela cria a ilusão que não há censura.
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Nº 735, 18 de junho de 2012, pág. 154	RIO+20 – O futuro dele depende de nós	O preço do amor	Por Ruth de Aquino	CAUSAL	Há homens que vão além: são viciados em prostitutas. Na comédia que será lançada em 550 cinemas no dia 22 de junho, <i>E aí... Comeu?</i> , baseada na peça de Marcelo Rubens Paiva, um dos três amigos na mesa do bar só gosta de prostitutas. Porque tem medo de errar.
Revista EXAME – Editora Abril, Edição 989 – Ano 45 – nº 6, de 06/04/2011, pág. 154	Procuram-se 8 milhões de profissionais	Propaganda – Por que Portugal?	Turismo de Portugal	CAUSAL	Você vai querer levantar a taça de um grande vinho português e fazer um brinde. Não sem antes sentir o buquê e conferir a coloração da bebida, sem pressa. Porque, em Portugal, as coisas boas da vida merecem ser apreciadas.
Revista Veja – Editora Abril, Edição 2199 – Ano 44 – nº 2, 12 de janeiro de 2011, pág. 111	O QI da Beleza	Artes e Espetáculos – Televisão: O Clone: Vale a pena ver de novo. Drama amaciado	Por Bruno Meier	COMPARATIVA	A personagem de Débora Falabella não vai mais aparecer tendo violentas crises de abstinência, mas certos sintomas de seu problema serão mantidos. Tal é o caso do progressivo descaso com a higiene pessoal. RETOMADA COM
LIVRO: Direito à Memória e à Verdade – Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos – 1ª Edição, 2007, pág. 413.	http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObr aForm.do?select_ action=&co_obra=147142	-	Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República	COMPARATIVA	A notoriedade do caso determinou a aprovação unânime pelos membros da CEMDP, sem qualquer controvérsia. A própria exoneração do comandante do II Exército tinha equivalido ao expresse reconhecimento da responsabilidade do Estado pela morte sob torturas de mais um opositor político do regime militar. Na contagem de Elio Gaspari, no livro citado, “Manoel Fiel Filho fora o 39º suicida do regime, o 19º a se enforcar. Como Cláudio Manuel das Costas, com as meias, sem vão livre ”.
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Nº 742, 06 de agosto de 2012, pág. 133	Onze juízes em nome do Brasil	Patrões e patroas sem-noção	Por Ruth de Aquino	COMPARATIVA	Às vezes, não é só a comida que é diferente. Os pratos, os talheres e os copos são separados. Como se patroetes tivessem nojo das empreguetes.
	http://www.senado.gov.br/atividade/pronunciamento/detText o.asp?t=384003			COMPARATIVA	Em Niterói, um morro, vertentes. Só por isso, áreas de altíssimo risco para a população. Como o são as centenas de outros morros, outras vertentes. vertentes - orifícios de onde verte água)

Revista Época, agosto de 2011, nº 689, p. 78				COMPARATIVA	Nada mais bonito do que morrer jovem. Como Amy.
LIVRO: Mídia, Máfia e Rock'n'Roll – Editora do Bispo, 2007, pág. 19.	http://tresvozes.blogspot.com.br/2011/07/claudio-tognolli.html	-	Por Claudio J. Tognolli	COMPARATIVA	Em outro livro, a “Falácia Genética”, apontamos que, numa pesquisa de quase dez anos, 98% das notícias sobre a biologia referem que a resposta final está nos genes. Como se fôssemos sistemas fechados, tal qual computadores, e nossos genes fossem chips.
Revista Mundo Estranho – Editora Abril, Edição 132 – Dezembro de 2012, pág. 26	Edição Proibida	Rituais Secretos – Bloods e Crips, Matou, Entrou	Texto: Danilo Cesar Cabral / Edição: Marcel Nadale	CONCESSIVA	O candidato tem que cometer um assassinato ou roubo se quiser entrar para o grupo. Mesmo se for menor de idade.
Revista Veja – Editora Abril, Edição 2306 – Ano 46 – nº 5, 30 de janeiro de 2013, pág. 36	Na estrada com os Sertanejos	Panorama – Imagens da Semana: A Máscara da morte	Por Vilma Gryzinsk	CONCESSIVA	É possível que jogos ultravioletos acelerem efeitos deletéricos em mentes já muito doentias. Nos outros, usar a máscara da morte é só uma farrá. Mesmo que o fuzil na mão seja para matar gente de verdade.
LIVRO: Vozes da Democracia - Histórias da Comunicação na Redemocratização do Brasil pela Intervezes – INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social – Imprensa Oficial, pág. 227.	http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=46384	-	INTERVOZES	CONCESSIVA	Há coisa de até dois anos, a gente não tinha livraria. Você queria um livro, tinha que mandar buscar fora, ou tinha que ir a Recife, ou tinha que usar o Sedex pra receber. Não tinha livraria. Agora não. Agora, felizmente, tem duas. Embora sejam livrarias que explorem muito a auto-ajuda.
LIVRO: Mídia, Máfia e Rock'n'Roll – Editora do Bispo, 2007, pág. 34.	http://tresvozes.blogspot.com.br/2011/07/claudio-tognolli.html	-	Por Claudio J. Tognolli	CONCESSIVA	Jurei que dali para adiante tornaria claro, para as fontes-amigos, que o que falassem, se tivesse interesse público, eu iria meter bala. Mesmo que tudo tivesse sido colhido na mansuetude duma conversa de boteco.
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Nº 741, 30 de julho de 2012, pág. 80	Tudo sobre o mensalão	O Guru do Amor	Por Aline Ribeiro	CONCESSIVA	“É verdade mesmo que o senhor é Deus?” Não exatamente. Embora, para muitos, Prem Baba faça as vezes dele.
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Nº 740, 23 de julho de 2012, pág. 48	Um pornô para a mulher	A república de São Bernardo	Por Alberto Bombig e Vinicius Gorczeski	CONCESSIVA	ÉPOCA perguntou aos irmãos Laerte e Walter se haviam conversado com o amigo Lewandowski sobre o assunto. Os dois disseram que não. Apesar das famílias se frequentarem e os Lula da Silva também serem primos de Lewandowski e de sua irmã.
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Nº 745, 27 de agosto de 2012, pág. 122	Eles merecem ganhar tanto?	Eu vos declaro marido e mulheres	Por Ruth de Aquino	CONCESSIVA	Se a pessoa não se divorciou, pode até estar separada, mas, por ter uma união civil reconhecida, não pode legalmente registrar em contrato público uma família paralela. Mesmo que a relação, correta ou não, seja de amor.

Revista Veja – Editora Abril, Edição 2210 – Ano 44 – nº 13, 30 de março de 2011, pág. 139	Elizabeth Taylor - Eterna	Viciados na bondade de estranhos	Por Sérgio Martins	CONCESSIVA	E hoje, quando as transformações no mercado não o favorecem, acha que o estado lhe deve o favor de bancar seus sonhos. Mesmo que a cortesia seja feita com chapéu alheio - o de seu público.
http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2013/01/desaprendendo-nadar.html	-	Desaprendendo a nadar	Por HELIO GUROVITZ	CONCESSIVA	O segredo, diz Mário, é nadar bem relaxado, em ritmo constante. Mesmo que, no início, isso signifique ir mais devagar.
http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=6933&sid=30 p. 64				CONCESSIVA	Um bom exemplo são as detenções e humilhações vividas pelo Leonardo, quando é surpreendido na consulta ao feiticeiro e mesmo na festa condenável pelo chefe de polícia. Ainda que as disfarce o efeito humorístico.
Revista Época, abril de 2011, nº 675, p. 124				CONCESSIVA	Após estudar fenômenos exóticos da física e deparar com um deus nórdico caído do céu, Jane ajuda-o a reencontrar seu destino. Mesmo que seu destino seja esmigalhar adversários em poucos segundos, para a decepção dos fãs que queriam uma boa luta.
LIVRO: Viver é uma arte - A história de José e outras crônicas. Editora Espeço Palavra - 2012, pág. 08			Por Marcelo Gomes	CONCESSIVA	A Bíblia é um manua e um catálogo da vida. Indica o caminho e oferece exemplos. Ensina a viver e conta histórias de gente que aprendeu. Ainda que também conte as histórias de gente que não aprendeu.
LIVRO: Viver é uma arte - A história de José e outras crônicas. Editora Espeço Palavra - 2012, pág. 17			Por Marcelo Gomes	CONCESSIVA	Quanto maiores os obstáculos, maiores as conquistas, sobretudo aquelas que contribuem para a construção de uma identidade madura e saudável. Ainda que estes obstáculos originem-se no contexto que, ao contrário, deveria ser facilitador de nosso crescimento e desenvolvimento pessoais.
LIVRO: Viver é uma arte - A história de José e outras crônicas. Editora Espeço Palavra - 2012, pág. 71			Por Marcelo Gomes	CONCESSIVA	Sua soberania, onisciência e sabedoria identificam e promovem a ocasião exata para cada propósito. Ainda que consideremos, em nossa limitação e ansiedade que está demorando ou perdeu o controle. Deus sempre age no tempo certo e oportuno.
LIVRO: Viver é uma arte - A história de José e outras crônicas. Editora Espeço Palavra - 2012, pág. 111			Por Marcelo Gomes	CONCESSIVA	O passado nunca está realmente morto. Ainda que esteja adormecido há muito tempo. Uma hora ele decide acordar.

Revista Veja - Editora Abril, ed. 2236 – Ano 44 – nº 39, setembro 2011, pág. 21				CONCESSIVA	São ideias avançadas e consolidadas que parecem passar ao largo do PT, mais voltado para o seu projeto de se manter no poder o maior tempo possível. Mesmo que não tenha um plano definido sobre o que quer para o país e esteja perdido em um caldo ideológico confuso.
LIVRO: A impunidade veste colarinho branco, 2010, p. 267	http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/193076		Por Pedro Simon	CONCESSIVA	Mas, D. Zilda Arns não era, apenas, um ser humano com semblante e ares místicos no sentido da devoção, da religião, da contemplação e da piedade. Mesmo que, também, por definição, tudo isso seja fundamental à existência humana. Ela foi além: a sua vida foi marcada pela ação, embora "sem perder a ternura jamais".
LIVRO: A impunidade veste colarinho branco, 2010, p. 231	http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/193076		Por Pedro Simon	CONCESSIVA	E, convenhamos, uma novela que não vale a pena ver de novo. Mesmo que com outros personagens e com outros cenários, porque será o mesmo o enredo.
Encontro Nacional pensando grupos e gênero e ciência núcleos e grupos de pesquisa, 2006, pág. 29	FALTA FONTE			CONCESSIVA	Estudos realizados em países avançados da Europa, e também dos Estados Unidos, revelaram que os índices de participação feminina no campo da pesquisa nas ciências exatas e da natureza continuavam a ser, muitas vezes, bastante baixos no início do Século XXI. Apesar de esforços terem sido empreendidos no sentido de ampliar essa participação.
Encontro Nacional pensando grupos e gênero e ciência núcleos e grupos de pesquisa, 2006, pág. 31	FALTA FONTE			CONCESSIVA	Por outro lado, as escolas oferecem pouca ou nenhuma informação sobre em que consiste a atividade científica, sobre a especificidade de cada uma das carreiras. Apesar de existirem, em muitas escolas, orientadores pedagógicos e ordenadores de área científica.
Revista Men's Health – Editora Abril, Edição 75 – Ano 7 – nº 3, Julho de 2012, pág. 50	<u>Edição Especial: 100 jeitos de viver com saúde!</u>	Com Pimenta é Melhor...	Por Manuela Biz e Sandy Gluck	CONDICIONAL	Pimenta tem que ser fresco... O condimento faz mal? Não. A menos que você seja sensível a ele.
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Nº 734, 06 de agosto de 2012, pág. 133	Onze juizes em nome do Brasil	Vida útil – A caminho do trabalho	Por Thais Lazzeri	CONDICIONAL	Cores, texturas, brilho e salto de várias alturas. Tudo pode. Desde que o visual fique equilibrado e o sapato não apareça mais que o desempenho de quem o calça.
Revista Veja – Editora Abril, Edição 2233 – Ano 44 – nº 36, 07 de setembro de 2011, pág. 86	Parece Milagre	O mesmo.	Por Paulo Celso Pereira	CONDICIONAL	É PERMITIDO ROUBAR. Desde que isso seja feito antes do início do mandato parlamentar, segundo entendimento dos deputados. (TÍTULO)
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Nº 734, 11 de junho de 2012, pág. 52	Escravos do celular	Onde moram os vampiros	Por Elane Brum	FINAL	Você sabe, Cristina, que só é lindo dar à luz porque nos dão caldo de galinha. Por isso as mulheres ficam grávidas a cada ano. Para tomar caldo de galinha pelo menos uma vez.

Revista Superinteressante – Editora Abril, Edição 307 – Agosto de 2012, pág. 28	SORTE – Você pode controlar a sua	Supernovas: O golpe do iTunes	Texto: Pedro Caiado e Bruno Garattoni	TEMPORAL	Sua obra consistia em remixes malfeitos de dance music dos anos 1990. Até que tudo mudou. Sem motivo aparente, Denver começou a bombar - e ele entrou na parada de sucessos da loja virtual iTunes.
Revista Superinteressante – Editora Abril, Edição 307 – Agosto de 2012, pág. 56	SORTE – Você pode controlar a sua	O Homem que caiu do céu	Texto: Pieter Zalis e Bruno Garattoni	TEMPORAL	Clark é o diretor-médico da missão, e tem um retrospecto invejável: trabalhou na Nasa como consultor médico para as viagens do ônibus espacial. Até que, em 2003, algo terrível aconteceu. Quando o ônibus espacial Columbia estava reentrando na atmosfera terrestre, uma de suas asas arrebentou.
Revista Mundo Estranho – Editora Abril, Edição 121-A – Fevereiro de 2012, pág. 54	A Bíblia do Sobrenatural	Demônios e Fantasmas – Histórias Extraordinárias: Caso Michael Taylor	Por Victor Biachin	TEMPORAL	Aos poucos, Taylor foi ficando violento. Até que sua mulher e as pessoas mais próximas concluíram que ele estava possuído.
Revista Mundo Estranho – Editora Abril, Edição 121-A – Fevereiro de 2012, pág. 60	A Bíblia do Sobrenatural	Forças Ocultas	Por José Francisco Botelho	TEMPORAL	Com o advento do cristianismo, a distinção entre magia branca e magia negra foi deixando de ser feita e tudo passou a ser visto como obra do demônio. Até que, no século 15, a Igreja decidiu declarar hereges aqueles que praticassem – ou fossem suspeitos de praticar – qualquer tipo de magia.
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Edição 727 – 23 de abril de 2012, FALTA PÁGINA http://revistaepoca.globo.com/Primeiro-Plano/noticia/2012/04/cristina-kirchner-populista-e-sem-limites.html	COMO FAZER	Cristina Kirchner: Populista e sem limites	Por Rodrigo Turrer	TEMPORAL	Primeiro veio a apropriação de reservas do Banco Central argentino para pagar dívidas. Depois, a proposta de reorganizar o futebol nacional e a tentativa de controlar a imprensa, até por meio da produção de papel-jornal. De fora, os arroubos populistas da presidente Cristina Kirchner pareciam apenas fanfarrônicas sem grandes consequências. Até que a líder peronista decidiu nacionalizar a petroleira YPF.
LIVRO: Mídia, Máfia e Rock'n'Roll – Editora do Bispo, 2007, pág. 11.	http://tresvozes.blogspot.com.br/2011/07/claudio-tognolli.html	-	Por Claudio J. Tognolli	TEMPORAL	Bem, vejamos: formigas caem de plantas e voltam a subi-las, como Sísifo. Achar que cumprem suas vontades. Até que caem no chão e carneiros as devoram.
Revista ÉPOCA – Editora Globo, Nº 735, 18 de junho de 2012, pág. 59	RIO+20 – O futuro dele depende de nós	O ataque à praia paulistana	Por Rafael Barifouse	TEMPORAL	São Paulo é caótica e poluída. Nela predomina o cinza-concreto. Seus moradores correm atarefados ou trafegam lentamente por engarrafamentos. Até que cai a noite, e os paulistanos abraçam seu mais valioso prazer: sair para comer, beber, ouvir música e dançar.

Revista Veja – Editora Abril, Edição 2208 – Ano 44 – nº 11, 16 de março de 2011, pág. 53	O Japão acorda do choque	Panorama - Radar: Por pouco	Por Lauro Jardim	TEMPORAL	Técnicos americanos insistiam em incluir algumas salvaguardas ambientais e trabalhistas no documento. O Brasil não topava. Até que Michael Froman, acessor econômico de Obama, entrou em campo e mediou os conflitos entre as partes.
Revista Veja – Editora Abril, Edição 2222 – Ano 44 – nº 25, 22 de junho de 2011, pág. 100	As prisioneiras do crack	As mães reféns do crack	Por Ricardo Westin	TEMPORAL	Eu pensava que crack era coisa só da periferia. Até que aconteceu na minha casa.
LIVRO: Viver é uma arte - A história de José e outras crônicas. Editora Espeço Palavra - 2012, pág. 53			Por Marcelo Gomes	TEMPORAL	O episódio mais marcante que José trazia na memória, dentre todas as histórias que ouviu do pai, era aquele em que Jacó se reconciliou com o irmão, Esaú. Foi dramático, muito lindo. Há vinte anos não se viam, os dois. Desde que aquele roubou deste o direito à benção da primogenitura.
Revista Men's Health – Editora Abril, Edição 75 – Ano 7 – nº 3, Julho de 2012, pág. 42	Edição Especial: 100 jeitos de viver com saúde!	Vamos Nessa: Bruno Senna	Por Ronaldo Albanese	TEMPORAL	Não se deu por vencido. Foi para a pequena HTR, da Espanha. Em 2011, foi contratado pela Lotus Renault como terceiro piloto. “O importante era estar dentro.” Até que chegou à Williams este ano.

ANEXO C – DIAGRAMAS DAS OCORRÊNCIAS

